UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA

INTIMIDADE E DESEJO NAS RELAÇÕES DE CASAIS: CONTRIBUTOS PARA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PSICOMÉTRICO

Natália Joia Machado

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde - Psicologia Clínica Sistémica

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA

INTIMIDADE E DESEJO NAS RELAÇÕES DE CASAIS: CONTRIBUTOS PARA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTO PSICOMÉTRICO

Natália Joia Machado

Dissertação orientada pela Professora Doutora Luana Cunha Ferreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde - Psicologia Clínica Sistémica

2020

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Luana Cunha Ferreira, sempre atenciosa e cuidadosa em contribuir para que eu pudesse aprimorar minha escrita e principalmente meu pensamento crítico. Uma excelente e admirável investigadora, que me inspira a explorar o complexo universo dos relacionamentos amorosos, exercitando minha curiosidade e o desejo em ampliar e aprofundar meus estudos nesta área.

À Professora Doutora Isabel Narciso, Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro e a Professora Doutora Carla Crespo, em me apresentarem os conceitos sistêmicos com extrema maestria e contribuírem para os meus processos reflexivos ao longo dessa etapa tão importante da minha vida.

À Professora Doutora Magda Sofia Ribeiro, pelo suporte e paciência em todas as dúvidas e inseguranças vivenciadas nessa estrada investigativa. Sua disponibilidade, envolvimento e preocupação genuína com o crescimento dos alunos conectaram-me com sentimentos de pertença e capacidade.

À Professora Doutora Adriana Ribas, pela sua admirável forma de conduzir as aulas e cursos que participei ao longo da minha formação acadêmica. Pela sua generosidade e amorosidade, tanto à psicologia quanto a todos os seus alunos. Agradeço imensamente por ser o meu modelo de referência profissional.

Ao Professor Doutor Rodolfo Ribas, pelo carinho e humildade como partilhou sua vasta bagagem conceitual, pelos diálogos e feedbacks recebidos sobre minha produção acadêmica. Por seu olhar preciso e consistente, determinantes para que eu me abastecesse de conhecimentos e pudesse dominar a análise estatística.

À querida aluna Cátia Raquel, por partilhar seus conhecimentos comigo e ter um papel indispensável a minha chegada até aqui. Muito obrigada!

À todos os participantes desse estudo, pela ajuda e paciência em responder o protocolo de investigação. Sem vocês, nada disso seria possível.

À minha amada amiga e irmã, Lilian de Assis, por me acolher nos momentos mais desafiadores e não me deixar esquecer que somos capazes de conquistar nossos objetivos, mesmo quando eles parecem ser maiores do que nós mesmos.

Ao meu pai, mãe e filho querido, por caminharem ao meu lado sempre, principalmente nos momentos mais turbulentos. Obrigada por me ensinarem a não desistir nunca e que a vida pode ser um eterno recomeço!

RESUMO

Através do olhar da psicologia sistêmica, o presente estudo explora a relação entre diferenciação de *self* (DoS), intimidade, desejo sexual e satisfação na relação amorosa, pelo método quantitativo. As descobertas empíricas evidenciam que um dos principais desafios do par amoroso é a diminuição do desejo ao longo da relação. Ou seja, enquanto a intimidade tende a aumentar, o desejo caminha em direção contrária nos relacionamentos de longa de duração.

Apesar da intimidade ser uma dimensão extremamente importante para a manutenção da relação, sua definição é composta por diversas componentes que contribuem para um entendimento mais preciso e atual do constructo. Em pararelo, a DoS parece ser a variável que assume um papel central, uma vez que a capacidade de conhecer a si próprio e o senso de identidade contribuem para que os elementos do casal posicionem-se de forma autonoma e genuína na relação, levando ao aumento da intimidade.

Segundo a experiência clínica de Perel (2007), a percepção do parceiro pela alteridade abre espaço para a intensificação do desejo, uma vez que o prazer erótico necessita de certa distância, habitando e crescendo no espaço entre o eu e o outro. A inovação e a imprevisibilidade colocam-se como dimensões essenciais para a o incremento da intimidade emocional e manutenção do desejo. Consequentemente o par amoroso tende a experimenta níveis mais elevados de satisfação da relação. Então, não seria o elevado nível de intimidade que impacta o desejo e a satisfação, e sim a previsibilidade, estabilidade e fusão emocional entre os elementos do casal. Neste sentido, é imperativo a criação de um instrumento que avalie o constructo intimidade na relação amorosa considerando o nível de DoS do casal.

O presente estudo realizou a análise psicométrica da Escala de Intimidade Diferenciada investigando ainda a sua validade convergente, em indivíduos portugueses numa relação de compromisso. A amostra recolhida contou com a participação de 415 pessoas, das quais 67% são mulheres e 33% homens. O instrumento Escala de Intimidade Diferenciada (EID) é composto por vinte e oito itens distribuídos em duas dimensões: Conexão e Distância. A EID apresentou correlação moderada com a *Miller Social Intimacy Scale*, indicando que as duas escalas avaliam o mesmo construto - intimidade. Foi também possível encontrar uma correlação fraca entre intimidade e desejo sexual. Estudos futuros deverão ser realizados possibilitando proceder à Análise Fatorial Confirmatória do instrumento.

Palavras-Chave: Casais; Intimidade; Diferenciação de *self*; Desejo sexual; Satisfação no casal.

ABSTRACT

Through the perspective of systemic psychology, the present study explores the relation between differentiation of self, intimacy, sexual desire and couple satisfaction, using the quantitative method. Empirical findings show that one of the main challenges of the romantic couple is the decrease in sexual desire in the relationship. In this sense, while intimacy tends to increase, desire tends moves in the opposite direction in long-term relationships.

Although intimacy is an extremely important dimension for maintaining the relationship, its definition is composed of several components that contribute to a more accurate and current understanding of the construct. In parallel, differentiation of self seems to be the variable that plays a central role, since the capacity to know oneself and the sense of identity contribute to the elements of the couple to position themselves autonomously and genuinely in the relationship, leading to increased intimacy.

According to Perel's clinical experience (2007), the partner's perception of otherness opens space for the intensification of desire, since erotic pleasure needs a certain distance, living and growing in the space between the self and the other. Innovation and unpredictability are essential dimensions for increasing emotional intimacy and maintaining desire. Consequently, the loving couple tends to experience higher levels of relationship satisfaction. So, it would not be the high level of intimacy that impacts desire and satisfaction, but the predictability, stability and emotional fusion between the elements of the couple. In this sense, it is imperative to create an instrument that assesses the construct of intimacy in the romantic relationship considering the couple's DoS level.

The present study carried out the psychometric analysis of the Differentiated Intimacy Scale, further investigating its convergent validity, in portuguese individuals in a committed relationship. The sample collected was composed by 415 people, of whom 67% were women and 33% men. The Differentiated Intimacy Scale (EID) instrument consists of twenty-eight items distributed in two dimensions: Connection and Distance. The EID showed a moderate correlation with the Miller Social Intimacy Scale, indicating that the two scales evaluate the same construct - intimacy. It was also possible to find a weak correlation between intimacy and sexual desire. Future studies should be carried out making it possible to proceed to the Confirmatory Factor Analysis of the instrument.

Keywords: Couples; Intimacy; Differentiation of self; Sexual desire; Couple satisfaction.

ÍNDICE

Introdução 6
Enquadramento Teórico 8
Diferenciação de *Self* 8
Intimidade 11
Desejo Sexual 13
Satisfação Relacional 16
O Presente Estudo 18
Objetivos 19
Mapa Conceitual 19
Método 20
Amostra 20
Procedimentos 20
Instrumentos 21
Questionário Sociodemográfico 21
Escala de Intimidade Diferenciada 21
Miller Social Intimacy Scale (MSIS) 22
Hurlbert Index of Sexual Desire (HISD) 22
Differentiation of Self Inventory - Revised (DSI-R) 23
Índice de Satisfação Relacional 24
Análise de Dados 24
Resultados 25
Estudo das Correlações entre as Escalas 34
Discussão 35
Limitações e Direções Futuras do Estudo 38
Referências 41
Anexo 1. Protocolo de investigação 46

INTRODUÇÃO

Desejo e satisfação são ingredientes fundamentais para uma união feliz. A ideia da autora Esther Perel (2007) é posta neste estudo como tema primordialmente reflexivo. Por que razão essas duas dimensões são tão poderosas nas relações amorosamente comprometidas? Uma das indicações incide sobre a complexa mistura de sentimentos, expectativas e comportamentos, subjetivos e pessoais, de cada elemento que compõe o casal. O sentimento de ambiguidade entre a busca de segurança e proteção em contraste com a expectativa de conexão com emoções que remetem à paixão e à aventura, é ponto nodal para a inserção de mais um conceito a esse complexo emaranhar de sentimentos e experiências relacionais. O conceito em questão diz respeito à uma certa distância confortável, autonomia ou individualidade integrada no relacionamento, que uma pessoa assume em relação ao seu par amoroso. Essa distância confortável, que nesse estudo chamaremos de diferenciação de *self* (DoS), contribui para que um indivíduo possa distanciar-se minimante do(a) seu(a) amado(a), favorecendo o aumento da atração, admiração e desejo.

Diversos modelos clínicos de terapia de casal adotam estratégias terapêuticas que objetivam potencializar a satisfação conjugal. A intervenção precoce que visa a ampliação do conhecimento e conscientização de um olhar maduro sobre as adversidades do relacionamento amoroso, constitui-se como uma modalidade poderosa (Coleman, 2011). As investigações vêm demonstrando que a diferenciação de *self* coloca-se como uma variável significativamente importante da satisfação nos relacionamentos sendo integrada em alguns modelos clínicos de terapia de casal (Perel, 2007; Schnarch, 1991), fornecendo fortes pistas sobre a dinâmica do desejo (Ferreira, Narciso, Novo, & Pereira, 2014). Neste sentido, pode-se sugerir que o constructo em questão contribui para os processos psicológicos dos elementos do casal, mais especificamente para a intimidade e o desejo sexual (Ferreira, Narciso, & Novo, 2013; Ferreira, Fraenkel, Narciso, & Novo, 2015).

O estudo de Patrick, Giordano e Tollerud (2007) propõe uma integração entre intimidade, diferenciação de *self* e satisfação do casal, vindo de encontro à tentativa de entrelaçamento destes constructos na presente investigação. Os autores concluem ser a intimidade uma forte preditora da satisfação no casal, mas não encontram relação entre DoS e satisfação conjugal. Considerando ainda os contributos de Schnarch (2009) que afirma serem mal compreendidos os conceitos de intimidade e desejo e que ambos são influenciados pela

DoS, a interação entre diferenciação de *self* e desejo sexual parece então ser mais impactada pela intimidade (Ferreira et al., 2014).

Com intuito de ampliar a compreensão da relação entre as variáveis diferenciação de *self*, intimidade, desejo sexual e satisfação no contexto das relações amorosas, assim como verificar as qualidades psicométricas da Escala de Intimidade Diferenciada, esta dissertação encontra-se dividida em quatro seções.

A primiera seção refere-se ao Enquadramento Teórico, onde é feita uma revisão aprofundada da literatura sobre os constructos já mencionados, evidenciando as contribuições dos estudos mais atuais. Esta seção apresenta ainda as hipóteses levantadas, os objetivos da presente investigação e o mapa conceitual, como forma de sistematização das variáveis a serem estudadas. No Método, é feita a caracterização da amostra, a descrição dos procedimentos e dos instrumentos aplicados, bem como uma breve descrição da análise estatística realizada. Os Resultados, destina-se à apresentação da análise dos dados de forma mais completa. Por fim, a Discussão integra uma reflexão final articulada aos estudos científicos vigentes. Apresenta ainda um espaço para as Limitações e Direções Futuras do estudo realizado, bem como Implicações Práticas para o trabalho clínico.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os escritos provenientes das pesquisas quantitativa de Ferreira et al. (2014), apontam alguns estudos que correlacionam intimidade emocional com satisfação no casal (Baumeister & Bratslavsky, 1999; Pascoal, Narciso, & Pereira, 2012; Patrick et al., 2007), mas iluminam a ausência de documentos científicos que articulam a diferenciação de *self*, intimidade e desejo sexual com a satisfação relacional. As autoras pontuam ainda uma visível lacuna nas investigações empíricas sobre a diferenciação de *self* e o desejo sexual, apesar das contribuições advindas dos trabalhos teóricos e clínicos de Schnarch (2009) que evidencia que a DoS contribui para a ampliação do desejo dos casais após a fase inicial de paixão e, Perel (2007) que defende o enfraquecimento do desejo nas relações amorosas de longa duração como consequência da alta fusão e perda da capacidade de perceber o par amoroso pela alteridade.

Na tentativa de compreender sistemicamente, a relação entre diferenciação de *self*, intimidade, desejo sexual e satisfação relacional é imperativo a validação de uma nova escala – Intimidade Diferenciada, desenvolvida para a população portuguesa, que pretende investigar o nível entre autonomia e conexão dos casais, uma vez que atualmente não existe nenhum instrumento que avalie esses constructos de forma integrativa.

Diferenciação de *Self*

A teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen (1978) preocupou-se em estudar o indivíduo e sua rede alargada das relações familiares, atendo-se à influência mútua entre o funcionamento individual e o modo como nos relacionamos com nossas famílias. Sua teoria oferece uma ampla estrutura que contribui para o entendimento do comportamento humano inserido no sistema familiar. Postula o equilíbrio entre união e individualidade como ideal para o desenvolvimento da capacidade de autonomia e diferenciação em relação aos outros. Neste sentido, quando não existe um equilíbrio adequado, o sujeito tende ao fusionamento e à indiferenciação (Major, Miranda, Rodríguez-González, Rousselot, & Relvas, 2014).

Bowen (1978) busca então perceber o funcionamento do indivíduo e sua relação com a família, apresentando enquanto conceito nuclear a diferenciação de *self*. Conceitualmente a DoS é um processo que se inicia na primeira infância progredindo até a adolescência, onde o nível de diferenciação é determinado pelas experiências relacionais vividas com sua família. Possui uma dimensão intrapessoal, caracterizada pela capacidade de diferenciar as emoções dos pensamentos, e uma dimensão interpessoal, caracterizada pela capacidade de equacionar intimidade e autonomia nas relações.

Ao conceituar a escala de diferenciação de *self*, dentro de sua teoria dos sistemas familiares, Bowen (1978) ilumina seu objetivo: classificar os níveis do funcionamento humano, dos mais baixos aos mais altos, através do estilo de vida e dos padrões de pensamentos e emoções das pessoas. A escala apresenta uma relação direta entre indiferenciação e fusão emocional. Esta afirmativa indica que, quanto maior for o grau de indiferenciação de um indivíduo, este apresentará uma maior fusão emocional. A fusão pode ocorrer nas relações sociais ou profissionais, mas determinantemente, atinge seu ápice de intensidade nos relacionamentos amorosos comprometidos. Este fenômeno justifica-se pela fusão de dois *selfs* parciais em um *self* comum, consequente da proximidade emocional experienciada pelo casamento. Os dois elementos do casal buscam a felicidade, mas o grande desafio da relação amorosa encontra-se no equacionar proximidade e autonomia diante do *self* comum.

Segundo os preceitos expostos acima sobre a teoria de Bowen (1978), pessoas menos diferenciadas caracterizam-se por buscar a aprovação dos outros como consequência da sua baixa convicção própria. Costumam ser menos flexíveis, mais suscetíveis ao stress, tendendo ao fusionamento ou ao distanciamento físico e emocional. Pessoas menos diferenciadas costumam agir e relacionar-se dando uma maior ênfase aos processos emocionais, se comparados com os pensamentos concretos e racionais. Em contrapartida, pessoas mais diferenciadas apresentam, através dos seus comportamentos, uma maior habilidade em perceber o que é da ordem do pensamento e o que é da ordem do sentimento. Costumam tomar suas decisões dando maior relevância aos seus pensamentos. Tendem a ser mais flexíveis e mais adaptáveis, apresentando uma menor fusão na forma de relacionarem-se intimamente, apresentando menos sintomas físicos, emocionais e sociais. São também mais habilidosas em adotarem estratégias de *coping* assertivas em relação ao stress e a ansiedade (Bowen, 1978; Knauth & Skowron, 2004; Major et al., 2014).

A DoS é classicamente caracterizada pela reatividade emocional, fusão com o outro, ponto de corte emocional em níveis mais baixos no indivíduo, além da capacidade de sustentar a posição do eu. É ainda importante perceber esse constructo considerando o complexo paradigma entre o desejo do aumento da intimidade na relação do casal e o possível evitamento, fruto de uma experiência mais íntima entre os elementos do par amoroso (Ferreira et al., 2014).

A investigação acima mencionada, propõem explicar como a diferenciação de *self* no casal pode influenciar a intimidade e o desejo no relacionamento íntimo. As autoras pretendem perceber, com base em dados empíricos, a existência de relação entre intimidade, desejo, diferenciação de *self* e satisfação no casal. Neste sentido, desenvolvem um modelo teórico para explicar o papel desempenhado pela diferenciação de *self* em relação à satisfação conjugal,

fazendo uma integração dessa perspectiva ao desejo sexual e à intimidade. A expectativa desse modelo seria então afirmar que diferenciação *self* e satisfação são mediadas pelo desejo sexual, assim como diferenciação de *self* e intimidade. Já a relação entre desejo sexual e safisfação conjugal seriam mediadas pela intimidade do casal.

O postulado teórico deste estudo dá relevância aos trabalhos de Perel (2007, 2008) e Scharch (1991, 1997, 2009). Os autores apontam através da experiência clínica, que o baixo desejo sexual na díade amorosa é impactado pela previsibilidade dos elementos do casal, intimidade fusional e pela falta de autonomia, sendo este um cenário comum nos relacionamentos de longa duração. Scharch (2009) em seus estudos, afirma que a diferenciação de *self* é um fator determinante para a preservação do desejo sexual nos relacionamentos amorosos. Neste sentido, o aprofundamento do desejo nos elementos do casal, em fase mais madura de apego, está diretamente conectado ao nível de diferenciação de *self* no casal. Em sentido complementar, Perel (2007) aponta que nos relacionamentos de longa duração existe uma maior tendência à fusão do casal e ao enfraquecimento do desejo sexual. Tais estudos evidenciam ainda a naturalidade com que os casais tendem a confundir amor com fusão, ao longo do estabelecimento da relação de segurança. Os autores supracitados sugerem ser prejudicial à manutenção do desejo sexual em nível satisfatório, quando a intimidade do casal apresenta por característica um alto nível de fusão e um baixo nível de autonomia.

A reflexão de Ferreira et al. (2015) integrada às contribuições de Schnarch (1997, 2009) e à teoria de Bowen (1978), pauta-se sobre o real desafio em equilibrar a fusão e a individualidade no casamento. A complexidade desta questão sustenta-se no paradoxo entre um certo grau de distanciamento satisfatório e saudável nos elementos do casal como pré-condição para a intensidade da intimidade sentida, permitindo assim a manutenção do desejo sexual ao longo da vida relacional. Esse paradoxo leva em consideração a influência da diferenciação conjugal no desejo sexual. Conceitua-se aqui diferenciação conjugal como a capacidade de manter um *self* diferenciado do parceiro numa relação amorosa comprometida e de alta proximidade física e/ou emocional, sendo a mesma fruto do equilíbrio entre autonomia e intimidade (Ferreira, Narciso & Novo, 2012). Para Schnarch (1991), a regulação da DoS gera tensões na díade, colocando-se assim como uma fonte de dificuldade nos casais. Pessoas que apresentam maiores níveis de diferenciação tendem a conseguir fazer uma melhor gestão da ansiedade natural proveniente da intimidade emocional autêntica.

Pesquisas atuais sugerem que, apesar da valorização empregada nos casamentos em relação à intimidade e à proximidade do casal, estes constructos geram questões desfavoráveis para o desejo e para a relação sexual. A linha de pensamento apoia-se em afirmações advindas

de observações clínicas que abordam a temática da distância e imprevisibilidade, outrora vistas como ameaça aos relacionamentos, põe-se agora como potencializadoras do desejo sexual. Cabe ressaltar que essas afirmações carecem de maior apoio empírico, uma vez que faltam investigações sólidas sobre os padrões de interação entre os elementos do casal e sua influência quanto ao nível de desejo sexual (Ferreira et al., 2015).

Ferreira el al. (2012) apontam os estudos de Prager (1997) e Narciso e Ribeiro (2009), que evidenciam a intimidade como determinante para o bem-estar psicológico do casal, uma vez que favorece a diminuição do stress diário percebido. O nível satisfatório de desejo sexual sentido pelo casal é um dos principais fatores que impactam positivamente a satisfação e consequentemente a continuidade na relação amorosa. Mas, os estudos empíricos até então publicados, não investigam com clareza a relação entre desejo e intimidade. Sendo assim, um dos principais objetivos seria conseguir traçar uma relação entre intimidade e desejo, influenciada pelo nível de diferenciação de *self* e satisfação conjugal apresentado pelos casais.

Intimidade

A intimidade emocional é definida por uma diversidade de conceitos, entendida através de uma perspectiva relacional, que considera a qualidade das relações e o nível de proximidade confortável. Apresenta ainda uma perspectiva individual, que diz respeito aos sentimentos, capacidades e motivações que um indivíduo possui para buscar experiências íntimas, variando de pessoa a pessoa o desejo de proximidade e afeto. Ao nível psicológico, contempla algumas dimensões, como auto-revelação, afeto, partilha, proximidade e confiança. Amor e sexualidade também encontram-se diretamente relacionados à intimidade, mas é a sexualidade que define a natureza romântica da intimidade nos relacionamentos amorosos (Narciso & Ribeiro, 2009).

Baumeister e Bratslavsky (1999) ao definirem a intimidade, apontam três dimensões que a compõe: (1) entendimento mútuo empático e compreensivo, através do diálogo, observação e/ou do compartilhamento de experiências, onde uma pessoa é capaz de perceber que a outra a entende; (2) expressão de atitudes favoráveis através dos sentimentos positivos e da motivação para o outro; (3) expressão de afetos verbais e não verbais, nomeadamente expressão de preocupação, atenção, e intensão sexual.

Patrick et al. (2007) evidenciam em sua investigação sobre intimidade, diferenciação de *self* e variáveis da personalidade como preditoras da satisfação conjugal, que muitos dos estudos até então não investigavam a intimidade associada à satisfação do casal. Este cenário é consequente da complexidade em definir e medir o constructo intimidade. Malone e Malone (1987) definem intimidade considerando as componentes comportamentais e vivenciais entre

duas pessoas, e valorizando as componentes subjetivas e pessoais. A capacidade de conhecer a si próprio, através da autoconsciência e de uma identidade de si, na presença do par amoroso, é o que define a capacidade de se ter intimidade em relação a um outro alguém. Neste sentido, uma pessoa com alto nível de intimidade, terá mais capacidade de se colocar enquanto um ser autêntico na relação amorosa, favorecendo o diálogo entre os parceiros e a gestão das adversidades inerentes ao contexto conjugal.

Van Lankveld, Jacobs, Thewissen, Dewitte e Verboon (2018) em seu estudo de abordagem longitudinal, buscou perceber possíveis associações entre intimidade e sexualidade nas relações românticas. Os autores evidenciam que a intimidade emocional desempenha um papel importante em relação ao desejo sexual, principalmente nos relacionamentos amorosos de longo prazo. Trazem a luz a ideia proposta por Basson (2002) onde afirma que a intimidade assume duas funções, sendo a primeira um gatilho para o desejo sexual e a segunda, uma recompensa que resulta da excitação sexual. Os insights fornecidos pelos autores, através da análise de dados do estudo, sugerem a não existência de diferenças significativas do nível de intimidade e desejo sexual entre homens e mulheres. A intimidade atuaria então como antecipadora do desejo sexual nas relações amorosamente comprometidas. Estes insights são reforçados considerando os achados nos estudos experimentais de Birnbaum, Mizrahi, Kanat-Maymon e Granovski-Milner (2016). Os investigadores perceberam que o nível de desejo sexual seria potencializado quando o parceiro expressava uma capacidade de resposta emocional maior, referenciada como essencial para a intimidade conjugal.

O modelo teórico de Baumeister e Bratslavsky (1999) sobre o nível de paixão e intimidade nas relações amorosas ao longo do tempo, enfatiza que a paixão apresenta uma função de mudança em relação à intimidade. Ao experienciar novas coisas e descobrir novidades em relação ao par amoroso, o casal contribui para a manutenção da paixão no relacionamento. Mas, quando um casal atinge um estágio de platô na relação, onde já conhecem tudo sobre o outro, entendem-se completamente e não vivenciam nenhuma situação de surpresa e novidade que possam fazê-los compartilhar novas experiências relacionais, a tendência é a diminuição da paixão ao nível zero, mesmo que a intimidade permaneça alta.

Rubin e Campbell (2012) ao testarem o modelo de Baumeister e Bratslavsky (1999), exploram os processos que afetam a paixão através das mudanças que ocorrem na intimidade dos casais de longa duração. Os autores concluíram que o aumento diário da intimidade nas relações contribuiu para a intensificação da paixão, abrindo espaço para o aumento da probabilidade do casal envolver-se em atividade sexual, o que levou a maiores níveis de satisfação. Além dos autores encontrarem apoio empírico no modelo proposto por Baumeister

e Bratslavsky (1999), puderam evidenciar, através dos achados científicos, que a mudança diária ocorrida na intimidade do casal acarretou o aumento do desejo. Posto isso e considerando o estudo de Muise, Harasymchuk, Day, Bacev-Giles, Gere e Impett (2019), é possível predizer que não é o aumento do nível de intimidade que intensifica o desejo e sim a mudança vivenciada pelo casal em relação à intimidade que impacta positivamente o desejo e a satisfação sexual.

Na pesquisa qualitativa realizada por Ferreira et al. (2013) sobre intimidade no casal, as componentes que apresentaram maior relevância para a relação amorosa foram autenticidade, confiança e compartilhamento. Através da análise percebeu-se que a primeira componente (autenticidade) manteve-se como o tema mais forte, sendo esta referida com maior frequência pelos participantes do estudo. As autoras pontuam em suas descobertas que, à medida que um indivíduo é capaz de confiar em seu par amoroso, mais genuíno ele consegue ser no relacionamento e mais disponível estará para partilhar sua natureza autêntica. Neste sentido, confiança e autenticidade estão diretamente relacionadas.

O modelo sistêmico de intimidade proposto por Ferreira et al. (2013) é composto por autenticidade, confiança e compartilhamento. Esses três elementos são determinantes para que o casal possa perceber o seu relacionamento amoroso com íntimo, não havendo distinção dessa percepção entre gêneros. O modelo em questão nos conduz a uma lógica relacional onde a segurança autêntica experienciada pelos elementos do casal promove certa autonomia saudável, havendo mutualidade e reconhecimento das necessidades do outro. A autonomia saudável opõe-se à fusão, distanciamento emocional e culpa, sensações estas ameaçadoras à relação.

Com base na lógica relacional evidenciada acima, a capacidade de equilibrar os níveis de autonomia e proximidade entre os elementos do casal, tendo em conta a intimidade emocional e a autenticidade dos parceiros, coloca-se como o cenário mais promissor para as relações amorosas. Diferentemente da *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) que restringe-se à avaliação da intimidade através análise da frequência de proximidade e contato e intensidade dos sentimentos e comportamentos íntimos, a escala de Intimidade Diferenciada, objetiva ilustrar o constructo da intimidade conjugal de forma mais fidedigna, tendo em consideração a complexidade do constructo em questão.

Desejo Sexual

O desejo sexual pode ser entendido como a motivação em buscar ou responder a uma estimulação sexual. Pode ainda ser caracterizada pela antecipação prazerosa da atividade sexual futura. Envolve os processos cognitivos e emocionais, além da motivação para um indivíduo envolver-se em atividade sexual. O desejo então está diretamente interligado às dimensões

interpessoais e relacionais. Frequentemente mobilizado a um outro indivíduo, encontra-se submerso no universo dos relacionamentos (Brezsnyak & Whisman, 2004).

Ao longo das décadas passadas, os estudos empíricos sobre desejo não contemplaram a devida relevância aos fatores contextuais e diádicos influenciadores da qualidade do mesmo, atendo-se principalmente às características de personalidade e aos aspectos biológicos (alterações hormonais) e psicológicos (depressão e autoimagem negativa). As pesquisas mais recentes que abordam a temática da conjugalidade associada ao desejo, apontam que a intimidade assume papel essencial. Além disso, na última década os pesquisadores passaram a perceber o tema do baixo desejo sexual em mulheres, sob outra perspectiva, enfatizando os fatores contextuais e relacionais como determinantes. Esta mobilização advém de pesquisas qualitativas realizadas com mulheres que relatavam possuir baixo ou nenhum desejo. Percebeu-se então a importância interpessoal e intrapessoal para a dinâmica sexual (Ferreira, Narciso, Novo, & Pereira, 2016; Prekatsounaki, Janssen, & Enzlin, 2019; Sims & Meana, 2010).

Perel (2007) afirma que o afeto e a proteção enquanto elementos estimulantes do amor, também colocam-se como bloqueadores da espontaneidade necessária para o desejo nos relacionamentos. O prazer erótico necessita de certa distância. Ele habita e cresce no espaço entre o eu e o outro e, para que seja alimentado, o casal devem aprender a lidar emocionalmente com momentos de vazio e incertezas da relação. Ao tentar tornar o amor mais seguro e confiável, o indivíduo abdica parcialmente de sua liberdade pela estabilidade. Assim, excitação e desejo, decorrentes desse espaço de incerteza, perdem então parte de sua vivacidade.

O termo alteridade diz resteito à capacidade de perceber o parceiro como um ser diferenciado de si, mas, ao mesmo tempo íntimo. Este conceito pode ser refletido seguindo a definição do constructo da diferenciação de *self* de Bowen (1978). Em seus escritos provenientes da conexão teórica com a experiência clínica, menciona ainda a tendência natural de uma pessoa neutralizar a complexidade subjetiva do seu par amoroso, rejeitando ou ignorando algumas de suas partes essenciais, a fim de preservar a homeostase relacional. O mesmo ocorre ao próprio indivíduo que, em prol do amor sucumbe partes de sua personalidade. Neste sentido, na tentativa de eliminar a alteridade para criar intimidade, o casal encurta o espaço necessário para o crescimento do desejo (Perel, 2007).

O estudo transversal de Prekatsounaki et al. (2019) que avalia o papel da intimidade, alteridade celebrada e afirmação do objeto de desejo sexual em mulheres, encontrou associações positivas entre os três fatores diádicos mencionados acima e o desejo sexual. A afirmação do objeto de desejo apresentou resultados consideravelmente maiores do que a intimidade e a alteridade celebrada. O constructo da alteridade celebrada é definido pelos

autores como experiências relacionais que apresentam um equilíbrio entre autonomia e investimento no par amoroso. Caminha no sentido contrário à fusão, mas considera e valoriza a intimidade na relação. A afirmação do objeto de desejo é conceituada pela avaliação do valor sexual de uma pessoa e a afirmação ativa desse valor, considerando atender as próprias necessidades sexuais. O conceito foi desenvolvido com base em pesquisas indicativas que o desejo feminino contém uma parcela narcísica por natureza.

Apesar da intimidade e alteridade celebrada estarem positivamente associadas ao desejo, os autores iluminam que a desejabilidade sexual de uma pessoa é o fator mais importante para o desejo sexual feminino. Os investigadores concluem que, apesar do baixo desejo nas relações de longa duração serem mais comumente atribuídos ao aumento da intimidade da fusão do casal nos inestigações empíricas, os resultados deste estudo não corroboram esta ideia. Os achados de Prekatsounaki et al. (2019) sugerem que o baixo desejo não relaciona-se com o alto nível de intimidade e sim com a falta de intimidade, alteridade celebrada e afirmação do objeto de desejo que se estabelece, ou melhor, se perde ao longo do desenvolvimento da relação amorosa.

O estudo qualitativo de Sims e Meana (2010) sobre a temática do baixo desejo sexual em mulheres evidencia três temas mais representativos. São eles: institucionalização do casamento, super familiaridade com o parceiro e dessexualização dos papéis no relacionamento amoroso. Os dois primeiros temas mencionados referem-se à sensação de compromisso, responsabilidade e rotina experienciada após o casamento, todos contrários a sensação de independência, liberdade e excitação. As autoras iluminam em seus achados científicos que as questões motivadoras para os indivíduos casarem-se e buscarem satisfazer suas necessidades emocionais, são as mesmas motivações que, em estágio mais avançado do ciclo de vida da relação, contribuem para a diminuição do desejo. Doses altas de compromisso, estabilidade, sentido de família, proximidade e intimidade podem então influenciar o desejo. A inovação, individualidade e o autocuidado passam a ter seu espaço diminuído e pouco valorizado à medida que os relacionamentos tornam-se mais duradouros.

Os insights relativos a este estudo direciona as autoras para as armadilhas inerentes ao nível de intimidade e proximidade nos casais. Os resultados do estudo ainda apontam que a excitação sexual e a novidade pode estar também relacionada ao desejo sexual das mulheres e não somente ao desejo dos homens. Mediante as questões expostas, as autoras afirmam que o excesso de familiaridade e proximidade contribuem para a percepção de um sexo tedioso. Em contrapartida, as experiências sexuais meramente objetivas remete à sentimentos de alienação e vazio nas mulheres (Sims & Meana, 2010).

O estudo exploratório de Ferreira et al. (2016) que objetiva investigar associações entre os níveis individuais, diádicos e as discrepâncias do casal em relação à diferenciação de *self*, desejo sexual e satisfação conjugal, aponta claramente alguns teóricos que associam a DoS à satisfação do casal e sua possível influência sobre o desejo sexual em relacionamentos de longo prazo. Schnarch (1991, 2010) e Perel (2007) afirmam que os relacionamentos de longa duração que apresentam altos níveis de intimidade, mas também de autonomia, contribuem para um contexto amoroso que favorece a manutenção do desejo sexual. Esse contexto considera a intimidade e a autonomia numa relação diádica e não somente individual, o que corrobora a afirmação das autoras onde analisa a diferenciação de *self* sob dois olhares, desempenhando papéis específicos sobre a dinâmica do desejo: (1) ao nível individual e, (2) ao nível diádico (Ferreira et al., 2015; Ferreira et al., 2016).

Na teoria, essa relação entre diferenciação de *self* e desejo sexual, pode ser facilmente encontrada e referendada, mas considerar essa associação vislumbrando os dois níveis expostos acima – individual e diádico – precisa ser melhor explorado empiricamente. As investigações relacionadas ao desejo sexual e a díade do casal, devem então considerar a dinâmica, os padrões e os processos inerentes à relação amorosa. Desta forma, o diagnóstico das disfunções sexuais podem ser realizados de forma mais assertiva (Ferreira et al., 2016).

Através da interseção de três estudos de métodos longitudinal e experimental, Muise et al. (2019), propõem que a auto-expansão (*self-expansion*) desempenha um papel essencial no desejo e no nível de satisfação sexual e relacional dos casais. As descobertas sinalizam que a autoexpansão e a satisfação são mediadas pelo desejo sexual. As autoras definem autoexpansão como a tendência de expansão do senso de si próprio nas relações íntimas, através do envolvimento em atividades autoexpansíveis. Estas atividades promovem mudanças relacionais e expansão do autoconceito, contribuindo para que a pessoa adquira novas experiências e novas perspectivas sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Como consequência da autoexpansão, as pesquisas apontam para uma tendência, por parte do parceiro, em apresentar maior desejo, intensa proximidade e aumento da satisfação na relação.

Satisfação Relacional

Os relacionamentos amorosos íntimos e as relações sexuais satisfatórias influenciam positivamente a saúde e a qualidade de vida do casal. A diminuição do stress diário e a melhora do bem-estar dos parceiros são diretamente influenciadas pela intimidade emocional. É importante considerar que as questões impactantes da atividade sexual não necessariamente trazem consequências negativas à percepção de bem-estar do indivíduo, mas diversos estudos

(ex: Brezsnyak & Whisman, 2004), trazem suporte empírico entre a associação do baixo desejo sexual e menores níveis de satisfação nos relacionamentos amorosos (Hinchliff & Gott, 2004; Impett, Strachman, Finkel, & Gable, 2008; Van Lankveld et al., 2018).

Impett et al. (2008) apontam estudos empíricos que fazem associação positiva entre satisfação sexual, namoro e qualidade da relação. As autoras elucidam o olhar dos terapeutas especializados em sexualidade sobre as observações acerca dessa temática, no sentido que o bom funcionamento sexual entre o casal contribui para o vínculo conjugal satisfatório.

Os relacionamentos de longa duração considerados satisfatórios apresentam por característica, ao longo do curso da relação, a capacidade de aproveitar momentos positivos, a boa gestão dos conflitos e o apoio mútuo entre os elementos do casal frente às situações de stress (Muise et al., 2019). Essas características relacionam-se não somente à forma como o casal lida com as adversidades e os eventos negativos na relação, mas também, em como eles inspiram-se e buscam momentos de prazer e excitação, através de uma conexão íntima.

A maneira como o indivíduo avalia seu relacionamento, sendo satisfatório ou não, está substancialmente ligada à forma como ele percebe o seu nível de desejo sexual em relação ao seu parceiro. Pessoas com menor desejo tendem a sentir o relacionamento como menos satisfatório (Brezsnyak & Whisman, 2004; Ferreira et al., 2012; Muise et al., 2019). O desejo, quando estimulado e vivenciado entre os elementos do casal, promove maiores níveis de satisfação nos relacionamentos e na estabilidade da relação amorosa (Hinchliff & Gott, 2004).

Pesquisas empíricas mostram que o desejo sexual costuma atingir seu ápice nos momentos iniciais do relacionamento amoroso. Assim como o desejo, a intimidade também encontra-se em intensificação nesse estágio da relação. Com o passar do tempo, o casal tende a sentir maiores sensações de conforto, segurança e estabilidade (Baumeister & Bratlavsky, 1999; Muise, Kim, McNulty, & Impett, 2016). Essas sensações contribuem para a diminuição do desejo sexual e consequentemente, impactam a frequência e a satisfação da relação.

No estudo de análise temática realizado por Pascoal, Narciso e Pereira (2014) que investigou a forma como os casais definem a satisfação sexual, as autoras encontraram dois temas principais inerentes a temática em questão: (1) bem-estar pessoal, onde evidencia as experiências positivas individuais, nomeadamente o prazer, desejo, excitação e orgasmo e, (2) processos diádicos, onde evidencia as experiências positivas relacionais, no que diz respeito à reciprocidade de prazer, expressão de sentimentos, romance e frequência de atividade sexual (Muise et al., 2016). A satisfação na relação amorosa apresenta então característica bidimensional, através da interinfluência entre as dimensões pessoal e relacional.

Na revisão sistemática de artigos internacionais sobre o tema da diferenciação de *self*, Fiorini, Müller e Bolze (2018) apontam cinco publicações que relacionam este constructo a variáveis ligadas a relação conjugal. O primeiro estudo percebeu que a variável diferenciação de *self* é preditora da intimidade, desejo sexual e satisfação no casal (Ferreira et al., 2014). O segundo estudo abordado foi a pesquisa qualitativa de Ferreira et al. (2015). Os achados desta pesquisa sugerem que a DoS, em maior ou menor grau influencia o nível desejo sexual experimentado pelo par amoroso. Além disso, a inserção de estratégias de ajustamento, como o incremento dos interesses pessoais, contribuem positivamente para o aumento do nível de diferenciação entre o casal. A terceira investigação apontada foi de Ferreira et al. (2016). Os resultados dessa investigação indicam que índices mais elevados de DoS entre os elementos do casal associam-se positivamente a também, índices mais altos de satisfação no casal.

Fiorini e colaboradoras (2018) ainda referenciam as pesquisas de Rodríguez-Gonzales, Skowron, Gregorio e San Roque (2016) e Lampsi (2016) que apontam associação positiva entre diferenciação de *self* e ajustamento do relacionamento amoroso, em população espanhola e italiana respectivamente. A DoS pode então ser considerada uma variável extremamente relevante para trabalhar-se na prática clínica com casais, no sentido que o aumento do nível de diferenciação contribui para o ajustamento conjugal e percepção de maior satisfação na relação amorosa, através do esforço mútuo em potencializar a regulação emocional do casal. Essa regulação emocional contribui para o aumento da conexão e intimidade sentida pelos elementos do par amoroso (Rodríguez-Gonzales et al., 2016).

O Presente Estudo

A proposta de articular os quatro constructos expostos a cima, diferenciação de *self*, intimidade, desejo e satisfação nos casais, deve-se à identificação de lacunas científicas sobre a sua a intercessão. Neste sentido, a presente investigação foi construída sobre a seguinte questão de partida: “De que forma a diferenciação de *self* pode contribuir para a intimidade, o desejo e a satisfação relacional? E de que maneira um novo instrumento desenvolvido a partir da conceitualização inovadora da intimidade conjugal, a partir dos estudos qualitativos com casais portugueses de Ferreira et al., (2015) pode contribuir para clarificar algumas relações entre essas variáveis?

O estudo pretende investigar hipóteses baseadas nas investigações mais atuais acerca desta temática.

1. Espera-se que a DoS esteja positivamente associada ao desejo e à intimidade, conforme sugerido por Ferreira et al. (2016).
2. Espera-se encontrar uma relação positiva entre a *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS), o *Differentiation of Self Inventory - Revised* (DSI-R) e a nova escala de Intimidade Diferenciada, ilustrando um potencial contributo para a validade convergente.
3. Espera-se que a nova escala de Intimidade Diferenciada apresente uma maior associação com a escala que avalia a intimidade, *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS), do que com a de desejo, *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD).

Objetivos

Pretende-se nesta investigação, através de um olhar sistêmico, procurar compreender com maior profundidade algumas questões subjetivas inerentes à conjugalidade que impactam o contexto das relações amorosas. Neste sentido, busca-se explorar a relação entre as variáveis que contribuem positivamente ou negativamente para a satisfação nos relacionamentos amorosamente comprometidos. Mais especificamente, apresentam-se abaixo, os objetivos centrais do estudo em questão:

1. Analisar a relação entre diferenciação de *self*, intimidade, desejo sexual e satisfação na relação do casal.
2. Explorar e verificar as qualidades psicométricas de um novo instrumento adaptado para a polução portuguesa que visa avaliar o equilíbrio entre autonomia e conexão do par amoroso – Escala de Intimidade Diferenciada.

Mapa Conceitual

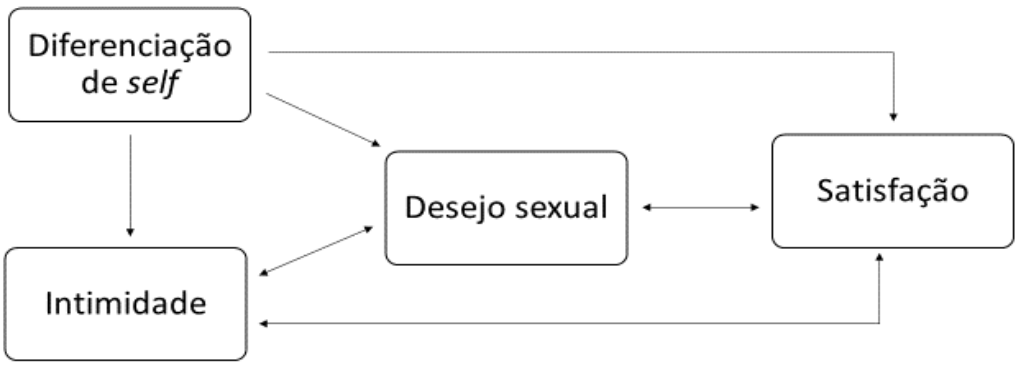

Figura 1. Mapa conceitual das variáveis do estudo

MÉTODO

Amostra

A amostra total do presente estudo foi constituída por 415 participantes, dos quais sessenta e sete por cento são mulheres (*n* = 280) e trinta e três por cento são homens (*n* = 135). Noventa e cinco por cento dos indivíduos identificaram-se como heterossexuais. Os participantes apresentam idades entre 20 e 65 anos (*M* = 38.46; *DP* = 8.11). Maioritariamente, são residentes da área Metropolitana de Lisboa (45.7%), seguidos do Norte (19.7%) e Centro do país (19%). Todos os participantes possuiem nacionalidade portuguesa (100%) e a maioria identifica-se em termos étnicos e culturais como caucasiana/o (99%). Relativamente à situação profissional, o maior índice de participação (75.7%) são de empregados em tempo inteiro. A maioria dos participantes apresentam rendimento mensal líquido entre 1500 e 1999 euros (30.1%), seguido de rendimento entre 1000 e 1499 euros (23.6%). Aproximadamente sessenta e nove por cento dos participantes possuem ensino superior completo.

Por fim, ao nível da conjugalidade, aproximadamente cinquenta e quatro por cento dos participantes encontram-se casados e quarenta e cinco por cento em união de fato. Setenta e dois por cento possuem filhos à data do preenchimento do protocolo. Maioritariamente os participantes encontram-se em uma relação amorosa monogâmica (93%).

Procedimentos

Os participantes foram recrutados através da divulgação do link do site do projeto nas redes sociais pessoais e profissionais das pessoas envolvidas na investigação, como Facebook, Instagram e WhatsApp e, através da divulgação junto à rede de contatos das investigadoras, constituindo uma amostragem não probabilística por conveniência, foi utilizada a técnica de bola de neve, solicitando a todas as pessoas que tivessem conhecimento do estudo, que o divulgassem também a seus contatos.

Para a divulgação do estudo foi criado um site na plataforma do Google, contendo: (1) protocolo psicométrico através de formulário a ser respondido pelos participantes; (2) objetivos da investigação; (3) requisitos necessários para a participação (indivíduos portugueses numa relação de compromisso - casados ou em união de fato); (4) endereço eletrônico das investigadoras.

O documento de consentimento informado referente a natureza e os detalhes da participação, como confidencialidade, anonimato, privacidade e contato da investigadora para responder a eventuais questões que possam surgir acerca do estudo, foi lido pelos participantes

que responderam ao protocolo online e lido e assinado pelos participantes que responderam o protocolo impresso.

Todos os participantes foram convidados a responder o protocolo de investigação composto por seis instrumentos que avaliam a intimidade, diferenciação de *self*, desejo sexual e satisfação relacional. Os participantes também preencheram um questionário sociodemográfico composto por quinze itens e não receberam incentivos para a participação no estudo. A Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa concedeu parecer favorável antes da fase de coleta de dados do estudo em questão.

Instrumentos

O protocolo final incluiu os seguintes instrumentos, a serem aplicados por esta ordem: Questionário Sociodemográfico, Escala de Intimidade Diferenciada, *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS; Miller & Lefcourt, 1982), *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD; Hurlbert & Apt, 1992), *Differentiation of Self Inventory - Revised* (DSI-R; Skowron & Frielander, 1998) e Índice de Satisfação Relacional (Lawrance & Byers, 1995).

Questionário Sociodemográfico

Elaborado com objetivo de recolha de dados para a caracterização da amostra do estudo, o questionário também permite perceber a existência de possíveis relações entre algumas variáveis sociodemográficas e os constructos investigados: diferenciação de *self*, intimidade, desejo e satisfação. Composto por quinze itens, o questionário encontra-se subdividido em seis áreas: (1) dados pessoais (idade, sexo, nacionalidade, zona de residência, identificação étnica / cultural); (2) religiosidade; (3) habilitações literárias; (4) profissão; (5) composição e rendimento do agregado familiar; (6) tempo de coabitação e tipo de relação.

Escala de Intimidade Diferenciada

Elaborada a partir do estudo qualitativo exploratório sobre desejo sexual e DoS em casais (Ferreira et al., 2015), a Escala de Intimidade Diferenciada tem por objetivo avaliar o equilíbrio entre autonomia e conexão do par amoroso em relacionamento íntimo, considerando os comportamentos, as experiências vivenciais e os sentimentos subjetivos do casal.

O intrumento é composto por um conjunto de vinte e oito itens de autorelato, através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos, onde 1 corresponde a "Totalmente falso" e 5 corresponde a "Totalmente verdadeiro". Sua conceituação teórica apresenta três dimensões relacionadas aos constructos intimidade e diferenciação de *self* nas relações íntimas. São elas: (1) distância, (2)

conexão e, (3) centro. A distância diz respeito as atitudes e pensamentos de alteridade, a conexão está relacionada à intimidade emocional e o centro considera a capacidade de percepção de si próprio em contexto amoroso enquanto uma pessoa inteira. A escala também apresenta três estratégias relacionadas às atitudes dos elementos do casal que contribuem para o equilíbrio entre autonomia e conexão na relação amorosa: (1) investir em projetos individuais – pessoal, social, profissional, (2) aumentar a posição do Eu no casal e, (3) promover a intimidade emocional.

***Miller Social Intimacy Scale* (MSIS)**

Como forma de avaliar a variável intimidade, foi utilizada a versão portuguesa do *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS), traduzida e adaptada por Ferreira, Narciso e Novo (2010). O instrumento pretende medir em que nível os participantes percebem a intimidade em relação ao seu parceiro, nos relacionamentos amorosos. A escala é composta por um conjunto de seis itens de autorelato que avaliam a frequência dos comportamentos de intimidade, através de uma escala de tipo *Likert* de 10 pontos, onde 1 corresponde a "Muito raramente" e 10 corresponde a "Quase sempre". Apresenta ainda mais onze itens que avaliam a intensidade dos sentimentos e comportamentos íntimos entre o par amoroso, onde 1 corresponde a "Pouco" e onde 10 corresponde a "Muito" (Miller & Lefcourt, 1982; Ferreira, 2013; Ferreira et al., 2014).

Os resultados psicométricos da escala original, desenvolvida para avaliar a intimidade no contexto das relações interpessoais, nomeadamente amizade e casamento, foram positivos quanto a consistência interna ($\alpha = .91$), revelando que os 17 itens do instrumento avaliam um único construto. A confiabilidade teste-reteste ($r = .96$) indicou existência de estabilidade. A validação da escala original também apresentou altos escores quanto a validade convergente, validade discriminante e validade de constructo, indicando ser um sistema confiável de mensuração da intimidade (Miller & Lefcourt, 1982). A versão traduzida e adaptada para a população portuguesa também apresentou excelente consistência interna, apresentando um alfa de Cronbach de .92 (Ferreira et al., 2014).

***Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD)**

Para avaliar o desejo sexual, foi utilizado o *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD), em sua versão portuguesa traduzida e adaptada por Ferreira, Narciso e Novo (2010). O instrumento de autorrelato unifatorial, que avalia o grau de assertividade sexual nos relacionamentos, é composto por 25 itens classificados através de uma escala de tipo *Likert* com variâcia de 0 a 4 pontos, onde 0 corresponde a "Nunca" e 4 corresponde a "Sempre". Foi demostrada na escala

original uma excelente precisão teste-reteste em duas semanas (*r* = .86), além de boa validade concorrente, discriminatória e de construto. A consistência interna também foi elevada, apresentando um alfa de Cronbach de .89. No estudo realizado para a validação do instrumento à população portuguesa, as autoras encontraram uma excelente consistência interna (α = .95) (Apt & Hurlbert, 1998; Beck, 1995; Ferreira et al., 2014).

***Differentiation of Self Inventory - Revised* (DSI-R)**

Em sua versão revista e publicada por Skowron e Schmitt (2003), com tradução e adaptação para a população portuguesa de Major et al. (2014), o DSI foi utilizado para avaliar a variável diferenciação de *self*. Este instrumento consiste em um inventário que avalia a DoS em adultos como um constructo individual, sendo este, o instrumento mais fiel à definição de Bowen sobre o conceito de diferenciação de *self*. É composto por 46 itens de auto-resposta, através de uma escala de tipo *Likert* de 6 pontos, onde 1 corresponde a "Nada verdadeiro para mim" e 6 "Muito verdadeiro para mim". Divide-se em quatro subescalas: reatividade emocional, posição do eu, *cut-off* emocional e fusão com os outros.

A primeira subescala, reatividade emocional, avalia a tendência dos indivíduos em responderem aos estímulos através de respostas emocionais automáticas. Tenta perceber se o indivíduo consegue refletir sobre suas emoções frente à situações adversas. A segunda, posição do eu, mede o sentido de *self* de acordo com as próprias convicções do sujeito. Diz respeito à capacidade do indivíduo em posicionar-se verdadeiramente. A terceira, *cut-off* emocional, avalia o nível de intensidade ou distanciamento emocional em relações de proximidade. Já a última subescala, fusão com os outros, mensura o nível de envolvimento com os outros no que tange a alta dependência em confirmar suas crenças e convicções de forma verdadeiramente sua (Major et al., 2014).

Sobre as qualidades psicométricas do DSI-R, Skowron e Schmitt (2003) encontraram consistência interna, calculada pelo alfa de Cronbach oscilante entre .81 e .89 para as subescalas e α = .92 na escala total do instrumento, na adaptação e validação do instrumento para a população norte americana. Peleg (2008) encontrou boas qualidades psicométricas ao estudar o instrumento à população Israelita, apresentando índice de consistência interna de .88. Rodríguez-Gonzáles (2009) em seu estudo de adaptação do instrumento à população espanhola, comprovou os bons índices de fiabilidade da escala total (α = .86) (Major et al., 2014; Peleg, 2008; Rodríguez-Gonzáles, 2009; Skowron & Schmitt, 2003).

Um estudo recente de Lampis, Busonera, Cataudella, Tommasi e Skowron (2017), que examinou as propriedades psicométricas da versão italiana do DSI-R, mostrou através da

análise fatorial exploratória, possuir boas qualidades psicométricas e consistências internas adequadas. Os resultados confirmaram que o DSI-R possui medidas sólidas no que se refere o constructo da diferenciação de *self* em contexto italiano, apresentando valores entre .72 e .78 em consistência interna das subescalas e .84 na escala total.

Índice de Satisfação Relacional

Em sua versão revista e publicada por Lawrance e Byers (1995), com tradução e adaptação para a população portuguesa de Pascoal, Oliveira e Raposo (2015), o Índice de Satisfação Relacional foi utilizado para avaliar satisfação global nas relações com o par amoroso em contexto íntimo, através da apreciação pessoal e subjetiva das dimensões negativas e positivas da relação amorosa. O instrumento em questão é sucinto e de fácil compreensão, podendo ser utilizado em ambos os sexos e nas relações íntimas de modo geral.

Esta medida de satisfação relacional global consiste em um instrumento unifatorial e é composto por cinco itens bipolares através de uma escala de tipo *Likert* de 7 pontos, onde 7 corresponde a "Muito boa", "Muito agradável", "Muito positiva", "Muito satisfatória" e "Muito importante" e 1 corresponde a "Muito má", "Muito desagradável", "Muito negativa", "Muito insatisfatória" e "Muito irrelevante", respectivamente (Lawrance & Byers, 1995; Pascoal, Oliveira & Raposo, 2015).

Nos estudos iniciais, o instrumento apresentou um alfa de Cronbach de .90, o que indica uma boa consistência interna. A fiabilidade temporal foi investigada após duas semanas de aplicação (r = .84), e novamente após 3 meses, apresentando índice de correlação r = .78 entre as duas últimas aplicações (Lawrance & Byers, 1995). A adaptação para a população portuguesa revelou um alfa de Cronbach elevado nas três as amostras do estudo. A amostra comunitária presencial e clínica apresentaram um α = .95 e a amostra *online* apresentou α = .96, confirmando a consistência do instrumento, além de suportar em termos estatísticos a validade convergente e discriminante através dos resultados encontrados (Pascoal et al., 2015).

Análise de Dados

A análise dos resultados quantitativos foram executadas através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) em sua versão 26.0 para Windows. Inicialmente, foi realizada a análise estatítica descritiva dos dados recolhidos através do questionário sociodemográfico com o objetivo de caracterizar a amostra da população. Os ítens do questionário foram analisados em termos de frequência, percentagem, média, mediana, desvio-padrão, valores mínimos e máximos.

Em momento seguinte, efetuou-se o estudo da Análise Fatorial Exploratória (AFE) da Escala de Intimidade Diferenciada com fatoração pelo eixo principal, seguida de rotação Varimax. Através da análise do Gráfico de escarpa (*Scree Plot*), foram extraidos 2 fatores com *eigenvalues* superiores a 1, explicando 33.44% dos dados. Os itens foram organizados com base nos seus pesos fatoriais e o critério de corte dos mesmos foi de .30 (Tabachnick, Fidell, & Ullman, 2007). Após a definição dos ítens que compõem cada dimensão, passou-se a análise do alfa de Cronbach do instrumento e das dimensões encontradas.

Posteriormente foram realizadas as Análises Fatoriais Exploratórias das escalas MSIS, HISD, DSI e ISR, além das suas correlações com a escala EID, como forma de compreender sua validade externa. Foram ainda realizadas algumas correlações entre as escalas descritas acima e as variáveis do presente estudo (ver mapa conceitual) com o objetivo de responder às hipóteses levantadas.

RESULTADOS

Escala de Intimidade Diferenciada

Os resultados da AFE da Escala de Intimidade Diferenciada, com fatoração pelo eixo principal e método de rotação ortogonal varimax, revelaram que a análise fatorial é adequada (KMO = .90; Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (378) = 4293.39; p < .001). O Gráfico de escarpa indicou uma extração de dois fatores, que corresponde à 33.44% da variância explicada do construto, com retenção dos itens com saturações superiores a .30 em ambos os fatores (Tabachnick et al., 2007).

O primeiro fator – Conexão, é composto por 17 itens que explicam 24.71% da variância total, com valores de saturação entre .30 e .76. O fator 2 – Distância, contempla 10 itens que explicam 8.72% da variância total do constructo, com valores de saturação entre .28 e .59. Apesar dos itens 7 e 18 apresentarem carga fatorial inferior a .30 decidiu-se mantê-los, uma vez que a análise das correlações item-total corrigidas e os valores do alfa de Crombach caso os itens fossem eliminados não apresentaram alterações consideráveis (Kline, 1993).

O item 27 foi o único que não apresentou carga fatorial satisfatória (i.e., > .30) em nenhum dos fatores. Por essa razão o item foi excluido das análises. A Tabela 1 apresenta os resultados da AFE, com o coeficiente de fiabilidade. Nos estudos de constência interna foi calculado o valor do coeficiente de alfa de Cronbach pra as duas subescalas. De acordo com a classificação de Pestana e Gegeiro (2003), os escores encontrados indicam que as propriedades psicométricas do instrumento são adequadas, para efeitos de investigação. O Fator 1 apresentou

uma boa constência interna (α = .91). Já o Fator 2 apresentou uma constência interna mais baixa (α = .66).

Tabela 1

Análise fatorial exploratória da Escala de Intimidade Diferenciada (EID)

Itens	Fator 1	Fator 2
EID_02	0.75	
EID_03	0.70	
EID_04	0.30	
EID_05	0.44	
EID_06	0.61	
EID_11	0.58	
EID_13	0.61	
EID_14	0.42	
EID_16	0.50	
EID_19	0.66	
EID_20	0.64	
EID_21	0.65	
EID_22	0.76	
EID_23	0.68	
EID_24	0.53	
EID_26	0.67	
EID_28	0.56	
EID_01		0.44
EID_07		0.29
EID_08		0.59
EID_09		0.31
EID_10		0.32
EID_12		0.43
EID_15		0.38
EID_17		0.50
EID_18		0.28
EID_25		0.50
EID_27		
Itens	17	10
M	70.09	37.72
DP	11.56	5.92
α	0.91	0.66

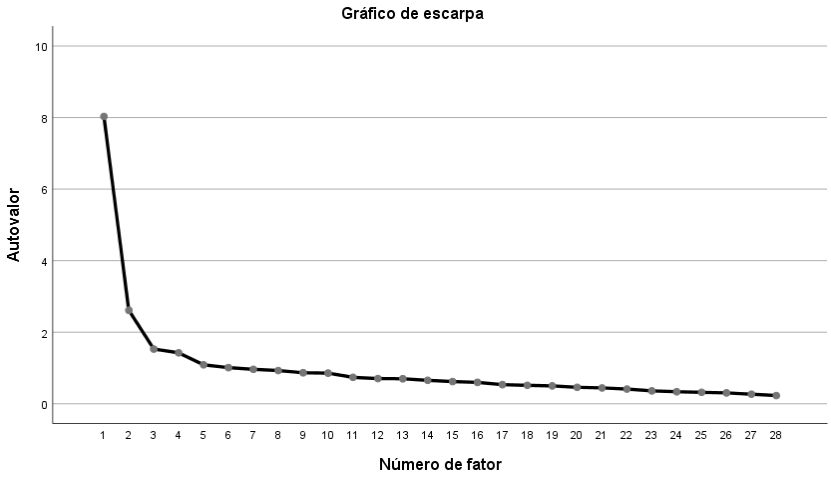

Figura 2: Diagrama de sedimentação da análise fatorial exploratória da Escala de Intimidade Diferenciada (EID)

***Miller Social Intimacy Scale* (MSIS)**

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória com fatoração pelo eixo principal da versão portuguesa (Ferreira et al., 2010) da *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) (Miller & Lefcourt, 1982), (KMO = .95; Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (136) = 8744.73 p < .001) indicou uma solução de um único fator, que representou 67.47% da variância explicada do construto. Dois itens não apresentaram cargas fatoriais satisfatórias (i.e., > 0.30): MSIS_02, "Com que frequência mantém em privado informação pessoal, não a partilhando com ele/ela?" e MSIS_14, "Quando discutem, os danos causados na vossa relação são importantes?". A Tabela 2 apresenta os resultados da AFE, com o coeficiente de fiabilidade. Na presente investigação o instrumento em questão apresentou propriedades psicométricas adequadas e um coeficiente de fiabilidade bastante satisfatório (α = .96).

Tabela 2

Análise fatorial exploratória da versão portuguesa da *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS)

Itens	Carga Fator
MSIS_01	0.82
MSIS_02	0.10
MSIS_03	0.83
MSIS_04	0.80
MSIS_05	0.82
MSIS_06	0.88
MSIS_07	0.94
MSIS_08	0.91

MSIS_09	0.91
MSIS_10	0.91
MSIS_11	0.90
MSIS_12	0.90
MSIS_13	0.87
MSIS_14	0.20
MSIS_15	0.83
MSIS_16	0.86
MSIS_17	0.90
M	29.62
DP	0.96
α	0.66

Figura 3: Diagrama de sedimentação da análise fatorial exploratória da versão portuguesa da Miller Social Intimacy Scale (MSIS)

***Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD)**

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória com fatoração pelo eixo principal método de rotação oblimin com normalização de Kaiser da versão portuguesa (Ferreira et al., 2010) da *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD) (Apt & Hurlbert, 1992), (KMO = .96; Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (300) = 8150.29; p < .001) indicou uma solução satisfatória com dois fatores, que juntos representaram 57.50% da variância explicada. Todos os itens apresentaram cargas fatoriais satisfatórias (i.e., > 0,30) nos respectivos fatores. A Tabela 3 apresenta os resultados da AFE, com os coeficientes de fiabilidade. A correlação entre os dois fatores identificados foi de .63.

Os resultados obtidos no presente estudo são semelhantes aos reportados por Gabirro (2015). Em sua investigação Gabirro conduziu uma análise fatorial por componentes principais e rotação varimax do HISD em uma amostra portuguesa constituída por 360 indivíduos (155

homens e 205 mulheres). A análise fatorial indicou que o instrumento apresenta duas dimensões Gabirro denominou o Fator 1 de Desejo Sexual Ativo (DSA), que indica a expressão do desejo sexual espontâneo, e Desejo Sexual Latente (DSL), que remete à possibilidade do desejo sexual ser ativado por expectativas do indivídiduo em obter benefícios.

No presente estudo os fatores foram denominados da seguinte maneira: (1) Desejo Sexual Ativo e (2) Fantasias e Pensamentos Eróticos. O Fator 1, assim como proposto por Gabirro (2015), avalia a disposição para o envolvimento sexual. Em contrapartida os itens do Fator 2 remetem aos processos cognitivos e emocionais que permeiam o imaginário erótico do indivíduo. A denominação do segundo fator tem como base nos escritos de Brezsnyak e Whisman (2004) sobre a definição do constructo desejo sexual, onde o mesmo pode ser entendido como motivação em buscar ou responder a estímulos sexuais, envolvendo ainda os processos cognitivos e emocionais do indivíduo.

Dois itens apresentaram carga fatorial satisfatória (i.e., > 0.30) no Fator 1, mas os conteúdos de ambos os itens remetem ao imaginário erótico do sujeito: HISD_01, “Fico excitado/a só de pensar no/a meu/minha companheiro/a.” e HISD_06, “É difícil para mim fantasiar sobre temas sexuais.”.

Tabela 3

Análise fatorial exploratória da versão portuguesa do *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD)

Itens	Fator 1	Fator 2
HISD_01	0.46	
HISD_02	0.78	
HISD_04	0.76	
HISD_06	0.38	
HISD_07	0.38	
HISD_11	0.69	
HISD_14	0.64	
HISD_15	0.88	
HISD_16	0.76	
HISD_20	0.58	
HISD_21	0.46	
HISD_22	0.86	
HISD_23	0.85	
HISD_24	0.97	
HISD_25	0.91	
HISD_03		0.73
HISD_05		0.38
HISD_08		0.63
HISD_09		0.68
HISD_10		0.53
HISD_12		0.84
HISD_13		0.81
HISD_17		0.82

HISD_18		0.72
HISD_19		0.51
Itens	15	10
M	38.53	22.84
DP	13.75	8.89
α	0.94	0.92

Figura 4: Diagrama de sedimentação da análise fatorial exploratória da versão portuguesa do Hurlbert Index of Sexual Desire (HISD)

***Differentiation of Self Inventory - Revised* (DSI-R)**

A Análise Fatorial Exploratória (AFE), com fatoração pelo eixo principal e rotação oblimin, (KMO = .87; Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (1035) = 7832.975; p < .001) da versão portuguesa (Major et al.,2014) do *Differentiation of Self Inventory – Revised* (DSI) (Skowron & Schmitt, 2003) indicou uma solução com 4 fatores, que representam 36.42% da variância explicada do construto. A Tabela 4 apresenta os resultados da AFE, com o coeficiente de fiabilidade. Os índices de confiabilidade dos quatro fatores apresentam-se a seguir: (1) Reatividade Emocional (11 itens), α = .87; (2) Posição do Eu (12 itens), α = .78; (3) *Cut-off* Emocional (17 itens), α = .87; (4) Fusão com os Outros (06 itens), α = .75.

Alguns itens do instrumento não puderam ser alocados em seus fatores inicialmente idealizados. De acordo com a análise dos itens que compõem o Fator 1, quando comparados com a escala original (Skowron & Schmitt, 2003), sua maioria pertence à subescala Reatividade Emocional (9 itens). Integra ainda um item da subescala Posição do Eu (DSI_35) e um da subescala Fusão com os Outros (DSI_44).

O Fator 2 é composto por dez itens da subescala Posição do Eu apresentada por Skowron e Schmitt (2003), um item da subescala Reatividade Emocional (DSI_6) e um item da suescala Fusão com os Outros (DSI_37). Já o Fator 3 integra doze itens da subescala *Cut-off* Emocional de Skowron e Schmitt (2003), quatro itens da subescala Fusão com os Outros e um item da subescala reatividade emocional (DSI_38).

Por fim, o Fator 4 é composto por 6 itens da subescala Fusão com os Outros, de acordo com a escala original (Skowron & Schmitt, 2003). Observou-se sobretudo que os outros seis itens originalmente do Fator 4 - Fusão com os Outros, tiveram que ser alocados em sua maior parte no Fator 3 – *Cut-off* Emocional. Essa tomada de decisão tem como base respeitar os valores das cargas fatoriais encontradas na Analise Fatorial Exploratória realizada na presente investigação.

Os resultados encontrados não indicam uma replicação exata da estrutura fatorial do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) tal como preconizado pelos autores. Foram verificadas diferenças quanto ao número de itens que compõem cada fator e o conteúdo dos mesmos, especificamente nos fatores *Cut-off* Emocional e Fusão com os Outros. Comparando ainda os resultados mencionados com os achados de Major et al. (2014) inerentes a estrutura fatorial do DSI-R (Skowron & Schmitt, 2003) verificou-se também diferenças ao nível do número de itens por fatores e seus conteúdos.

Tabela 4

Análise fatorial exploratória da versão portuguesa do Differentiation of Self Inventory – Revised (DSI)

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
DSI_01	0.44			
DSI_10	0.44			
DSI_14	0.61			
DSI_18	0.53			
DSI_21	0.47			
DSI_26	0.51			
DSI_30	0.46			
DSI_34	0.59			
DSI_35	0.36			
DSI_40	0.61			
DSI_44	0.35			
DSI_04		0.21		
DSI_06		0.40		
DSI_07		0.51		
DSI_11		0.46		
DSI_15		0.39		
DSI_19		0.45		
DSI_23		0.54		
DSI_27		0.50		
DSI_31		0.64		

DSI_37		0.42		
DSI_41		0.77		
DSI_43		0.28		
DSI_02			0.47	
DSI_03			0.48	
DSI_05			0.40	
DSI_08			0.49	
DSI_12			0.57	
DSI_13			0.44	
DSI_16			0.52	
DSI_20			0.60	
DSI_24			0.39	
DSI_25			0.44	
DSI_28			0.54	
DSI_32			0.48	
DSI_33			0.43	
DSI_36			0.72	
DSI_38			0.34	
DSI_39			0.51	
DSI_42			0.64	
DSI_09				0.77
DSI_17				0.25
DSI_22				0.84
DSI_29				0.32
DSI_45				0.62
DSI_46				0.34
Itens	11	12	17	6
M	36.69	50.14	43.64	20.97
DP	12.16	9.97	15.19	6.78
α	0.89	0.78	0.87	0.75

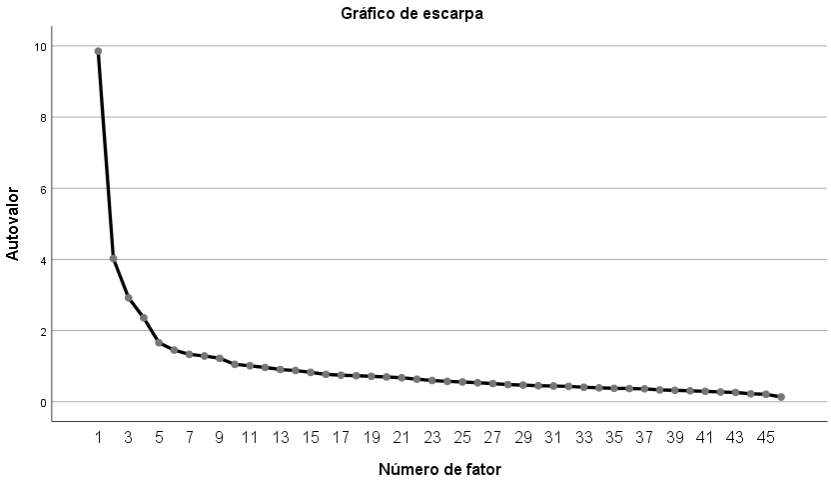

Figura 5: Diagrama de sedimentação da análise fatorial exploratória da versão portuguesa do Differentiation of Self Inventory – Revised (DSI)

Índice de Satisfação Relacional

Os resultados da Análise Fatorial Exploratória com fatoração pelo eixo principal da versão portuguesa (Pascoal et al., 2015) do Índice de Satisfação Relacional (Relationship Satisfaction Index, ISR, Lawrance & Byers, 1995), (KMO = .91; Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 (10) = 2760.85; p < .001) indicou uma solução de um único fator, que representou 86.89% da variância explicada do construto. Todos os itens apresentaram cargas fatoriais satisfatórias (i.e., > 0.30). A Tabela 5 apresenta os resultados da AFE, com o coeficiente de fiabilidade. O instrumento apresentou propriedades psicométricas adequadas e um coeficiente de fiabilidade bastante satisfatório (α = .96).

Tabela 5

Análise fatorial exploratória da versão portuguesa do Índice de Satisfação Relacional (ISR)

Itens	Carga Fator
ISR_1	0.95
ISR_2	0.96
ISR_3	0.96
ISR_4	0.94
ISR_5	0.76
M	29.73
DP	5.80
α	0.96

Figura 6: Diagrama de sedimentação da análise fatorial exploratória da versão portuguesa do Índice de Satisfação Relacional (ISR)

Estudo das Correlações entre as Escalas

Uma vez compreendido o número de fatores que compõem cada instrumento, através da AFE, é imperativo perceber a forma como os instrumentos se correlacionam.

Partindo da Escala de Intimidade Diferenciada, a subescala Conexão apresenta correlação significativa e positiva com a MSIS (r=.64, p<.01), escala que avalia o nível de intimidade. Em relação ao Índice de Satisfação Relacional, a correlação é significativa e positiva (r=.75, p<.01). Também apresenta correlação significativa, positiva, mas fraca com a subescala Desejo Sexual Ativo (r=.34, p<.01). Apresenta ainda uma correlação significativa e negativa com a subescala *Cut-off* Emocional (r= -.51, p<.01). For fim a subescala Conexão apresenta correlação significativa e postiva com a a subescala Posição do Eu (r=.27, p<.01) e correlação significativa e negativa com a subescala Reatividade Emocional (r= -.27, p<.01). Já o Fator 2 – Distância – da Escala de Intimidade Diferenciada, apresenta correlação significativa e positiva com a subescala Conexão (r=.20, p<.01) e correlação significativa e positiva com a subescala Posição do Eu (r=.13, p<.01).

Seguindo para a análise dos resultados da MSIS, além da correlação já elucidada com a subescala Conexão, o instrumento também apresenta correlação significativa e positiva com a subescala Desejo Sexual Ativo (r=.26, p<.01), subescala Posição do Eu (r=.25, p<.01), subescala Fusão com os Outros (r=.18, p<.01) e com o Índice de Satisfação Relacional (r=.61, p<.01). Já a correlação entre a MSIS e a subescala Cut-off Emocional foi significativa e negativa (r= -.22, p<.01).

A subescala Desejo Sexual Ativo apresenta correlação significativa e positiva com a suescala Fantasias e Pensamentos Eróticos (r=.72, p<.01), com a subescala Posição do Eu (r=.20, p<.01) e com o Índice de Satisfação Relacional (r=.31, p<.01). Apresenta ainda correlação significativa e negativa com as subescalas Reatividade Emocional (r= -.25, p<.01) e *Cut-off* Emocional (r= -.30, p<.01). Já a subescala Fantasias e Pensamentos Eróticos apresenta correlação significativa e positiva com a subescala Posição do Eu (r=.17, p<.01) e correlação significativa e negativa com a subescala Reatividade Emocional (r= -.15, p<.01).

A subescala Reatividade Emocional apresenta correlação significativa e positiva com a subescala *Cut-off* Emocional (r=.63, p<.01) e com a subescala Fusão com os Outros (r=.55, p<.01), todas do mesmo instrumento. A subescala *Cut-off* Emocional apresenta correlação significativa e positiva com a subescala Fusão com os Outros (r=.36, p<.01). Por fim, o Índice de Satisfação Relacional apresenta correlação significativa e negativa com as subescalas *Cut-off* Emocional (r= -.33, p<.01) e Reatividade Emocional (r= -.15, p<.01), mas apresenta correlação significativa e positiva com a subescala Posição do Eu (r=.15, p<.01).

DISCUSSÃO

O presente estudo pretendeu explorar as propriedades psicométricas da escala de Intimidade Diferenciada (EID). Os resultados encontrados na análise estatística realizada indicam que o instrumento avalia a variável intimidade. Essa afirmação é justificada pela correlação encontrada entre a escala MSIS e o Fator 1 – Conexão ($r=.64$, $p<.01$), indicando que 64% da variação ocorrida nas respestas da escala EID explica-se pela variação das respostas ocorridas na MSIS. Neste sentido, os instrumentos medem o mesmo constructo - intimidade. Os resultados encontrados corroboram a terceira hipótese levantada, onde o Fator 1 da Escala de Intimidade Diferenciada apresenta correlação mais expressiva com a *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) do que com a escala que avalia o desejo, *Hurlbert Index of Sexual Desire* (HISD).

Ao nível da consistência interna o fator Conexão apresentou um alfa de Cronbach elevado ($\alpha =.96$). O resultado indica que os itens que compõem esta dimensão avaliam a mesma variável. Através da análise dos conteúdos que compõem os itens podemos dizer que comunicação, partilha, autonomia, confiança, descoberta, genuinidade, invenstimento em si e na relação são algumas temáticas abordadas nos itens do Fator 1.

Baumeister e Bratslavsky (1999) abordam o constructo intimidade como expressão de atitudes favoráveis e afetos verbais e não verbais de preocupação, atenção e conexão sexual, além de diálogo e partilha de experiências que promovem o entedimento mútuo, empático e compreensivo com o par amoroso. Seguindo essa lente teórica, podemos dizer que a dimensão Conexão é composta por itens que remetem à intimidade emocional.

Em contrapartida, a dimensão Distância está relacionada com as atitudes e pensamentos de alteridade, onde o indivíduo percebe o par amoroso como um ser diferenciado de si, mas íntimo. Prekatsounaki et al. (2019) definem o constructo de alteridade celebrada como o equilíbrio entre autonomia e investimento no par amoroso. Ou seja, a alteridade considera e valoriza a intimidade na relação, mas é contrária à fusão dos elementos do casal. Ao nível da consistência interna o fator Distância apresentou um alfa de Cronbach .66. O resultado indica que o índice de precisão do fator 2 estava abaixo de .70, valor mínimo para medidas psicológicas serem consideradas precisas (Pasquali, 1997).

A estrutura conceitual original do EID propõe 3 dimensões (distância, conexão e centro) e três estratégias (investir em projetos individuais, aumentar a posição do eu na relação e promover a intimidade emocional). Diferentemente da estrutura original, a Análise Fatorial Exploratória do instrumento indicou somente 2 dimensões. Os itens que remetem às estratégias

– atitudes que contribuem para o equilíbrio entre autonomia e conexão na relação amorosa, estão distribuidos tanto no fator Conexão quanto no fator Distância.

Analisando as correlações entre as subescalas de todos os instrumentos da presente investigação, podemos perceber a existência de correlações positivas mais elevadas entre a subescala Conexão e os instrumentos que avaliam a intimidade (MSIS) e a satisfação relacional (ISR). A subescala Conexão também apesenta correlação positiva com a subescala Posição do Eu e com a subescala Desejo Sexual Ativo.

Considerando que a Posição do Eu diz respeito à capacidade do indivíduo em posicionar-se de forma verdadeira, podemos atribuir uma aproximação entre intimidade e genuinidade / autenticidade. A capacidade em conhecer a si próprio pela autoconsciência e pelo senso de identidade do indivíduo define a capacidade que uma pessoa tem para estabelecer relação de intimidade com outra (Patrick et al, 2007). Segundo os investigadores, uma pessoa que apresenta altos níveis de intimidade terá maior capacidade de posicionar-se na relação amorosa de forma autêntica. Essas atitudes favorecem o diálogo e a gestão das dificuldades da relação.

Os resultados da AFE mostram ainda que a subescala Conexão correlaciona-se de forma negativa com Reatividade Emocional e *Cut-off* Emocional. Assim, de acordo com a definição de intimidade proposta por Baumeister e Bratslavsky (1999) e com o estudo qualitativo de Ferreira et al. (2013), partilha, confiança, autenticidade e diálogo são algumas componentes da intimidade. Quando um indivíduo apresenta dificuldades em refletir sobre suas emoções frente às situações adversas, sua capacidade de posicionar-se verdadeiramente é impactada, assim como, quando o mesmo tende ao distanciamento emocional na relação.

A articulação entre a pergunta de partida da presente investigação e os resultados encontrados indicam que quando os elementos do casal experimentam níveis mais altos de intimidade emocional, associados à capacidade de diferenciação de *self*, através do aumento da posição do eu, ocorre também o aumento da probabilidade de atividade sexual. Todas essas dimensões contribuem para que o casal perceba a relação amorosa como mais satisfatória. Neste sentido, podemos dizer que os resultados encontrados sustentam a primeira hipótese colocada.

Rubin e Campbell (2012) apontam em suas descobertas cietíficas que o aumento diário da intimidade contribui para a intensificação da paixão e possível aumento do envolvimento sexual. Ao experienciarem novas descobertas em relação ao outro e a si próprio, o casal contribui para a manutenção da paixão, levando a maiores níveis de satisfação relacional. Diversos outros estudiosos sustentam empiricamente a associação entre desejo sexual e nível de intimidade (ver Brezsnyak & Whisman, 2004; Hinchliff & Gott, 2004; Impett et al., 2008;

Van Lankveld et al., 2018). A maneira como o indivíduo percebe o nível de desejo sentido em sua relação amorosa, exerce influência sobre como ele avalia a qualidade dessa relação, sendo satisfatória ou não. Níveis de desejo mais baixos correlacionam-se com níveis mais baixos de satisfação relacional (Muise et al., 2019).

A correlação positiva entre o Fator 1 (Conexão) e o Fator 2 (Distância) da Escala de Intimidade Diferenciada, nos remete a questão de que a *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) restringe-se à avaliação da intimidade através da análise da frequência de proximidade e a intensidade dos sentimentos e comportamentos íntimos. Já a Escala de Intimidade Diferenciada, se propõe a ilustrar o constructo da intimidade conjugal considerando a sua complexa definição, onde o aumento da posição do eu e a possibilidade de posicionar-se de forma genuína contribuem para o incremento da intimidade emocional.

Tendo em conta o complexo paradigma experimentado pelos elementos do par amoroso entre a expectativa do aumento da intimidade ao longo da relação e um certo espaço de distanciamento necessário para a intensifiação do desejo, a Escala de Intimidade Diferenciada foi desenvolvida com o objetivo de avaliar o nível entre autonomia e conexão dos casais (Ferreira et al., 2014). Vale ressaltar que o DSI-R foi desenvolvido para avaliar o nível de DoS individual e os conteúdos dos itens visam classificar os níveis do funcionamento humano através do estilo de vida e dos padrões de pensamentos e emoções das pessoas, onde apresenta uma relação direta entre inidferenciação e fusão emocional. O teor dos itens do DSI-R remetem às relações sociais e familiares maioritariamente. Fica então evidente a necessidade da validação de uma escala que avalie o constructo intimidade considerando a diferenciação de *self* na relação amorosa.

Como os resultados da análise das correlações da Escala de Intimidade Diferenciada indicam correlação positiva com a MSIS e com a subescala Posição do Eu e correlação negativa com a subescala Reatividade Emocional e *Cut-off* Emocional, a segunda hipótese é sustentada, uma vez que encontrou-se relação entre as escalas MSIS, DSI-R e EID. Sendo assim, esses achados ilustram um potencial contributo para a validade convergente.

Ferreira e colaboradores (2014), ao testarem o modelo teórico que visa explicar o papel desempenhado pela diferenciação de *self* em relação à satisfação conjugal, fazendo uma integração dessa perspectiva ao desejo sexual e à intimidade, indicam que a DoS pode ser uma forte preditora das variáveis do presente estudo, uma vez que a DoS coloca-se como determinante para que o indivíduo seja capaz de sustentar um bom senso de identidade no relacionamento. Sendo assim, refletindo sobre a questão de partida podemos aferir que a DoS contribui para a intimidade, o desejo e satisfação relacional no sentido que, quando um

indivíduo apresenta uma certa diferenciação de *self* do seu par amoroso, o mesmo também tende a apresentar maior habilidade para a autoregulação emocional, o que contribui para a minimização do stress e melhor gestão das adversidades inerentes à relação.

Neste sentido, devemos considerar os trabalho de Schnarch (2009) que aponta que a DoS contribui para a ampliação do desejo nos casais e o enfraquecimento do mesmo frente a níveis de fusão mais elevados e baixa capacidade de enxergar o par amoroso através das lentes da alteridade. Bowen (1978) aborda o fenômeno da fusão de dois selfs parciais em um self comum como consequência da proximidade emocional experienciada nos relacionamentos amorosamente comprometidos. Este fenômeno pode ser entendido como a base estruturante para o paradoxo da busca da felicidade, equacionando com qualidade o nível de proximidade e autronomia entre os elementos do casal. Tanto Schnarch (2009) quanto Perel (2007, 2008) trazem o entendimento, embora sem contributos empíricos, que o baixo desejo sexual é impactado pela previsibilidade, intimidade fusional e baixa autonomia na díade amorosa. Ferreira et al. (2012) defendem que um certo grau de distanciamento é entendido como uma pré-condição para o aumento da intimidade, o que leva a sustentação do desejo ao longo do ciclo de vida da relação amorosa. Nessa mesma linha de pensamento, Sims e Meana (2010) apontam que as questões que motivam os indivíduos a casarem-se, como compromisso, estabilidade, proximidade, são também as mesmas que contribuem para a diminuiçãodo desejo.

Novidade, imprevisibilidade e mudança são componentes diretamente relacionadas ao aumento da intensidade do desejo sexual percebido pelo casal, principalmente em relacionamentos de longa duração. Essa visão, associada à teoria da autoexpansão de Muise e colaboradores (2009) reafirma que as experiências novas e motivantes vivenciadas pelos parceiros contribuem para reacender a chama do desejo, independente do estágio da relação amorosa (Ferreira et al., 2015; Ferreira et al., 2012; Sims & Meana, 2010).

Limitações e Direções Futuras do Estudo

Como exposto ao longo do enquadramento teórico, os estudos empíricos apresentados acima sugerem uma interinfluência entre as variáveis da presente investigação - diferenciação de *self*, intimidade, desejo sexual e satisfação relacional. Cabe ainda ressaltar que esses constructos influenciam a dinâmica dos relacionamentos, impactando a forma como os elementos do casal percebem o seu relacionamento amoroso.

Segundo Clark e Watson (2016) o primeiro passo para a construção de uma escala consiste no desenvolvimento de uma definição precisa de um costructo alvo. Apesar de não ser necessária a existência de um conjunto muito bem articulado de conceitos teóricos para a

criação de um instrumento, a probabilidade da escala contribuir de forma substancial para a literatura em psicologia é mais forte quando a revisão de literatura é robusta.

Neste sentido, é importante que novos estudos sejam realizados, utilizando a Escala de Intimidade Diferenciada, para que se possa obter uma amostra mais representativa da população portuguesa. Associado a isso, deve-se excluir o item 27 do instrumento – "Estou com o(a) meu(minha) parceiro(a) porque preciso dele(a)." – uma vez que o mesmo não apresentou carga fatorial satisfatória. A revisão dos itens do Fator 2 – Distância, é relevante já que a AFE apontou uma discrepância entre os valores de constência interna encontrados nos dois fatores . Vale ressaltar que alfa de Cronbach do fator 2 encontra-se abaixo no valor mínimo indicado para que as medidas sejam consideradas precisas (Pasquali, 1997). Não devemos esquecer que atualmente a única escala adaptada para a população portuguesa que avalia a variável diferenciação de *self* é o DSI-R, onde o mesmo não se propõe a mensurar o nível de DoS na relação de casal e sim de forma individual, contendo diversos itens que os conteúdos remetem as relações sociais e familiares. Se existisse uma escala direcionada para investigar a DoS na relação amorosa, de repente os valores de correlação entre a escala EID e a escala DSI-R poderiam apresentar resultados mais expressivos.

Novas investigações com uma amostragem mais representativa devem ser realizadas a fim de possibilitar a execução da análise fatorial confirmatória do instrumento. Além disso, seria de grande valia perceber como as variáveis se comportam dentro do modelo teórico proposto. Segundo Ferreira et al. (2016) possivelmente a intimidade se comporta como uma variável relacional mediadora da relação entre DoS e desejo. Comprender o papel mediar / moderador das variáveis, além de analisar o contributo das variáveis independentes em relação às variáveis dependentes seria de grande valia para consolidar o modelo teórico.

Deste modo, é de extrema importância que estudos futuros possam analisar a existência de diferenças entre as possíveis associações descritas acima e as variáveis sóciodemográficas, uma vez que na presente investigação isto não foi realizado. Através de uma interpretação criteriosa dos resultados acerca de possíveis discrepâncias entre sexo, idade, filhos e tempo de coabitação, será possível explorar e/ou aprimorar alguns modelos de intervenções clínicas em terapia de casal, intervenções essas que contribuam para o desenvolvimento mais satisfatório das relações conjugais. Cabe ressaltar que mais da metade da amostra do presente estudo é constituída por mulheres (66%), o que limitaria a validade externa dos resultados relativamente às diferenças entre gênero. Não foi realizar a recolha de dados diádicos com amostras emparelhadas (casais), impossibilitando a análise das possíveis discrepâncias intraconjugais através da análise de regressão linear hierárquica (Field, 2009; Pallant, 2010).

Esta investigação teve por intensão contribuir para a diminuição das lacunas científicas identificas sobre a intercessão dos quatro constructos abordados no presente estudo, diferenciação de *self*, intimidade, desejo e satisfação nos casais. Até o momento atual, a literatura científica não aponta muitas investigações que avaliam o constructo intimidade associado com o conceito de diferenciação de *self* na relação amorosa e, de que forma o nível de DoS pode influenciar a intimidade emocional e o desejo no casal.

Através de uma conceituação mais completa e atual da intimidade, ou seja, considerando algumas componentes que a compõem, como comunicação, partilha, autonomia, confiança, descoberta, genuinidade, invenstimento em si e na relação, a nova Escala de Intimidade Diferenciada pretende avaliar o equilíbrio entre conexão e distância nos elementos do casal. Este instrumento inovador considera a DoS como elemento central para a manutenção do desejo e da satisfação, principalmente nos relacionamentos de longa duração.

Neste sentido, é determinante a existência de instrumentos que apresentem esse escopo avaliativo, uma vez que os utilizados atualmente e validados para a população portuguesa não cumprem essa função. Para além disso, o único instrumento que se propõe a avaliar a DoS é o DSI-R. Este instrumento não é capaz de fazer uma aproximação mais fidedigna da análise dos níveis de DoS nos relacionamentos amorosamente comprometidos. Desta forma, o presente estudo realizou o primeiro contributo para a validação da Escala de Intimidade Diferenciada. Foi ainda possível compreender, através dos resultados apresentados, que apesar de poucos estudos que englobem essas variáveis, podemos dizer que os resultados reportam relações semelhantes às encontradas na revisão de literatura. Este pode ser então um caminho promissor para o início da clarificação das supostas relações entre as variáveis aqui investigadas, contribuindo para o fortalecimento do modelo teórico proposto por Ferreira et al. (2015), onde indicam que a DoS pode ser uma forte preditora das variáveis do presente estudo, uma vez que níveis mais elevados de DoS contribui para a intimidade, o desejo e satisfação relacional. O equilíbrio entre diferenciação de *self* e intimidade no par amoroso contribui para a minimização do stress e melhor gestão das adversidades inerentes à relação.

REFERÊNCIAS

Alarcão, M. (2002). (Des) equilíbrios familiares: uma visão sistemática.

Apt, C. & Hurlbert, D. (1992). Motherhood and female sexuality beyond one year postpartum: A study of military wives. *Journal of Sex Education and Therapy*, *18*, 104-114. https://doi.org/10.1080/01614576.1992.11074044

Baumeister, R. F., & Bratslavsky, E. (1999). Passion, intimacy, and time: Passionate love as a function of change in intimacy. *Personality and social psychology review*, *3*(1), 49-67. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0301_3

Basson, R. (2002). Women's sexual desire: Disordered or misunderstood?. *Journal of Sex & Marital Therapy*. https://doi.org/10.1080/00926230252851168

Beck, J. G. (1995). Hypoactive sexual desire disorder: An overview. *Journal of consulting and clinical psychology*, *63*(6), 919-927.

Birnbaum, G. E., Reis, H. T., Mizrahi, M., Kanat-Maymon, Y., Sass, O., & Granovski-Milner, C. (2016). Intimately connected: The importance of partner responsiveness for experiencing sexual desire. *Journal of Personality and Social Psychology*, *111*(4), 530. https://doi.org/10.1037/pspi0000069

Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.

Brezsnyak, M., & Whisman, M. A. (2004). Sexual desire and relationship functioning: The effects of marital satisfaction and power. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *30*(3), 199-217. https://doi.org/10.1080/00926230490262393

Clark, L. A., & Watson, D. (2016). *Constructing validity: Basic issues in objective scale development.* In A. E. Kazdin (Ed.), *Methodological issues and strategies in clinical research* (p. 187–203). American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/14805-012

Coleman, L. M. (2011). Improving relationship satisfaction—qualitative insights derived from individuals currently within a couple relationship. *The Family Journal*, *19*(4), 369-380. https://doi.org/10.1177/1066480711415036

Ferreira, L. C. D. N. T. (2013). *Intimidade e desejo sexual nas relações de casal: o paradoxo da diferenciação conjugal* (Doctoral dissertation).

Ferreira, L. C., Fraenkel, P., Narciso, I., & Novo, R. (2015). Is committed desire intentional? A qualitative exploration of sexual desire and differentiation of self in couples. *Family process*, *54*(2), 308-326. https://doi.org/10.1111/famp.12108

Ferreira, L. C., Narciso, I., & Novo, R. F. (2012). Intimacy, sexual desire and differentiation in couplehood: A theoretical and methodological review. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *38*(3), 263-280. https://doi.org/10.1080/0092623X.2011.606885

Ferreira, L. C., Narciso, I., & Novo, R. (2013). Authenticity, work and change: a qualitative study on couple intimacy. *Families, Relationships and Societies, 2(3), 339–354.* https://doi.org/10.1332/204674313X668569

Ferreira, L. C., Narciso, I., Novo, R. F., & Pereira, C. R. (2014). Predicting couple satisfaction: the role of differentiation of self, sexual desire and intimacy in heterosexual individuals. *Sexual and Relationship Therapy*, *29*(4), 390-404. https://doi.org/10.1080/14681994.2014.957498

Ferreira, L. C., Narciso, I., Novo, R. F., & Pereira, C. R. (2016). Partners' similarity in differentiation of self is associated with higher sexual desire: A quantitative dyadic study. *Journal of sex & marital therapy*, *42*(7), 635-647. https://doi.org/10.1080/0092623X.2015.1113584

Field, A. (2009). *Descobrindo a Estatística Usando o SPSS-5*. Penso Editora.

Fiorini, M. C., Müller, F. G., & Bolze, S. D. A. (2018). Diferenciação do self: Revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando familias*, *22*(1), 146-162.

Gabirro, A. A. V. (2015). *Satisfação conjugal e desejo sexual em casais em tratamento da infertilidade: caracterização e diferenças de género* (Doctoral dissertation).

Hinchliff, S., & Gott, M. (2004). Perceptions of well-being in sexual ill health: What role does age play?. *Journal of Health Psychology*, *9*(5), 649-660. https://doi.org/10.1177/1359105304045361

Impett, E. A., Strachman, A., Finkel, E. J., & Gable, S. L. (2008). Maintaining Sexual Desire in Intimate Relationships: The Importance of Approach Goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, *94*(5), 808-823. https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.5.808

Kline, P. (1993). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.

Knauth, D. G., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the differentiation of self inventory for adolescents. *Nursing Research*, *53*(3), 163-171.

Lampis, J. (2016). Does partners' differentiation of self predict dyadic adjustment?. *Journal of Family Therapy*, *38*(3), 303-318. https://doi.org/10.1111/1467-6427.12073

Lampis, J., Busonera, A., Cataudella, S., Tommasi, M., & Skowron, E. A. (2017). Psychometric Properties of an Italian Version of the Differentiation of Self Inventory-Revised (It-DSI-R). *Journal of Adult Development*, *24*(2), 144-154. https://doi.org/10.1007/s10804-016-9253-6

Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal relationships*, *2*(4), 267-285.

Major, S., Miranda, C., Rodríguez-González, M., & Relvas, A. P. (2014). Adaptação portuguesa do Differentiation of Self Inventory Revised (DSI-R): Um estudo exploratório. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, *1*(37), 99-123.

Major, S., Miranda, C., Rodríguez González, M., Rousselot, M., & Relvas, A. P. (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). *Avaliação familiar: Funcionamento e intervenção*, *1*, 71-96.

Malone, T. P., & Malone, P. T. (1987). *The art of intimacy*. Prentice Hall.

Miller, R. S., & Lefcourt, H. M. (1982). The assessment of social intimacy. *Journal of Personality Assessment*, *46*, 514-518. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4605_12

Muise, A., Kim, J. J., McNulty, J. K., & Impett, E. A. (2016). The positive implications of sex for relationships. In C. R. Knee & H. T. Reis (Eds.), *Advances in personal relationships* (pp. 124–147). Cambridge: Cambridge University Press.

Muise, A., Harasymchuk, C., Day, L. C., Bacev-Giles, C., Gere, J., & Impett, E. A. (2019). Broadening your horizons: Self-expanding activities promote desire and satisfaction in established romantic relationships. *Journal of personality and social psychology*, *116*(2), 237. https://doi.org/10.1037/pspi0000148

Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). Olhares sobre a Conjugalidade. Lisboa: Coisas de ler.

Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2008). Cognitive and emotional predictors of female sexual dysfunctions: Preliminary findings. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *34*(4), 325-342. https://doi.org/10.1080/00926230802096358

Pallant, J., & Manual, S. S. (2010). *A step by step guide to data analysis using SPSS*. Berkshire UK: McGraw-Hill Education.

Pascoal, P., Narciso, I., & Pereira, N. (2012). Emotional intimacy is the best predict or of sexual satisfaction of men and women with sexual arousal problems. *International Journal of Impotence Research, 25,* 51-55. https://doi.org/10.1038/ijir.2012.38

Pascoal, P. M., Narciso, I. D. S. B., Pereira, N. M., & Ferreira, A. S. (2013). Processo de validação da Global Measure of Sexual Satisfaction em três amostras da população portuguesa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *26*(4), 691-700. https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400009

Pascoal, P. M., Oliveira, L. B., & Raposo, C. F. (2015). Evidence for the validity of the Global Measure of Relationship Satisfaction (GMREL) in three Portuguese samples. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *28*(1), 41-48. https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528105

Pasquali, L. (1997). *Psicometria: teoria e aplicações*. Brasília: LabPAM.

Patrick, S., Sells, J. N., Giordano, F. G, & Tollerud, T. R. (2007). Intimacy, differentiation, and personality variables as predictors of marital satisfaction. *The Family Journal, 15,* 359-367. https://doi.org/10.1177/1066480707303754

Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction: What can be learned from married people over the course of life? *The American Journal of Family Therapy*, 36, 388-401. https://doi.org/10.1080/01926180701804634

Perel, E. (2007). *Sexo no cativeiro. Driblando as armadilhas do casamento*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Perel, E., Martins, J., Graña, R., & Fontinha, A. S. (2008). *Amor e desejo na relação conjugal*.

Perel, E. (2010). A chama dupla: reconciliando intimidade e sexualidade, revivendo o desejo. In: Leiblum, S. R. *Tratamento dos transtornos do desejo sexual: casos clínicos*. Porto Alegre: Artmed; 2012. p. 36-54.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Analise de dados para ciencias sociais: A complementaridade do SPSS* (3a ed.). Lisboa: Silabo.

Prager, K. J. (1997). *The psychology of intimacy*. Guilford Press.

Prekatsounaki, S., Janssen, E., & Enzlin, P. (2019). In Search of Desire: The Role of Intimacy, Celebrated Otherness, and Object-of-Desire Affirmation in Sexual Desire in Women. *Journal of sex & marital therapy*, *45*(5), 414-423. https://doi.org/10.1080/0092623X.2018.1549633

Rodríguez-Gonzáles, M. (2009). *El desarrollo afectivo y la construcción de la relación de pareja: estudio sobre la relación entre la Diferenciación del Self, la Satisfacción Marital y el Funcionamiento Familiar.* (Dissertação de Mestrado não publicada. Universidad Pontificia Comillas: Diploma de Estudios Avanzados

Rubin, H., & Campbell, L. (2012). Day-to-day changes in intimacy predict heightened relationship passion, sexual occurrence, and sexual satisfaction: A dyadic diary analysis. *Social Psychological and Personality Science*, *3*(2), 224-231. https://doi.org/10.1177/1948550611416520

Schnarch, D. M. (2010). Usando a terapia Crucible (Cadinho) para tratar transtornos do desejo sexual. In: Leiblum, S. R. *Tratamento dos transtornos do desejo sexual*. Porto Alegre: Artmed; 2012. p. 56-71.

Schnarch, D. M. (1991). *Constructing the sexual Crucible: An integration of sexual and marital therapy*. NY: W. W. Norton

Schnarch, D. M. (1997). *Passionate marriage: Keeping love and intimacy alive in committed relationships*. NY: W. W. Norton

Schnarch, D. M. (2009). *Intimacy and desire: Awaken the passion in your relationship.* NY: Beaufort Books

Sims, K. E., & Meana, M. (2010). Why did passion wane? A qualitative study of married women's attributions for declines in sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *36*(4), 360-380. https://doi.org/10.1080/0092623X.2010.498727

Skowron, E. A., & Friedlander, M. L. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of counseling psychology*, *45*(3), 235. https://doi.org/10.1037/0022-0167.45.3.235

Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family therapy*, *29*(2), 209-222. https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x

Stulhofer, A., Ferreira, L. C., & Landripet, I. (2014). Emotional intimacy, sexual desire, and sexual satisfaction among partnered heterosexual men. *Sexual and Relationship Therapy*, *29*(2), 229-244. https://doi.org/10.1080/14681994.2013.870335

Tabachnick, B., Fidell, L., & Ullman, J. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Pearson.

Van Lankveld, J., Jacobs, N., Thewissen, V., Dewitte, M., & Verboon, P. (2018). The associations of intimacy and sexuality in daily life: Temporal dynamics and gender effects within romantic relationships. *Journal of social and personal relationships*, *35*(4), 557-576. https://doi.org/10.1177/0265407517743076

Anexo 1. Protocolo de investigação

Faculdade de Psicologia
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Consentimento Informado

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Pedimos a vossa colaboração para esta investigação intitulada ***Processos de Intimidade e Desejo nos Casais***, que decorre no âmbito da dissertação de mestrado das alunas Cátia Raquel Santos e Natália Joia e encontra-se sob orientação científica da Professora Doutora Luana Cunha Ferreira, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

O presente estudo tem como finalidade explorar, para adaptação e validação portuguesa, dois instrumentos psicométricos focados nos processos de intimidade e desejo no casal. Assim, só poderão participar neste estudo indivíduos de **nacionalidade portuguesa** e que estejam num **relacionamento de casamento ou união de facto à data da participação**.

A vossa participação terá uma duração de, aproximadamente, 30 minutos e é totalmente voluntária. Caso pretenda desistir em algum momento, tal não irá gerar qualquer consequência para si. Todos os dados recolhidos na investigação são confidenciais, sendo posteriormente analisados de forma global e não individualizada.

Apenas a equipa de investigação terá acesso às informações obtidas. A participação nesta investigação implica o preenchimento de um questionário sobre dados sociodemográficos e de outros questionários que abordam temáticas associadas à intimidade e ao desejo no casal. Feita a análise dos dados recolhidos, os participantes envolvidos no projeto poderão ter acesso aos resultados globais da investigação. Para tal, deverão requisitá-los através dos endereços eletrônicos disponibilizados abaixo.

Caso após ou durante a sua participação necessite de apoio psicológico, poderá recorrer ao Serviço de Apoio à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

A vossa participação é determinante para a execução deste projeto de investigação.
Pedimos que responda de forma sincera a todas as questões.

Ao participar neste neste estudo, declara ter tomado conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido, participa voluntariamente e concorda que os dados sejam analisados de forma **totalmente confidencial** pelos investigadores envolvidos no estudo. **Obrigada pela sua colaboração!**

Data: ___ / ___ / _____

Rubrica: _____

Para mais informações sobre o estudo ou dúvidas que pretenda ver esclarecidas, poderá contactar as investigadoras através dos e-mail: catiamorim@campus.ul.pt ou natalia.machado@campus.ul.pt

Questionário de Dados Sociodemográficos

Código: _____

(não preencher)

1. **Idade**: _____
2. **Nacionalidade**: _____
3. **Sexo**: ○ Masculino ○ Feminino ○ Outro: _____
4. **Orientação sexual**:
   ○ Homossexual ○ Heterossexual ○ Bissexual ○ Outro: _____
5. **Religiosidade**:
   ○ Crente Praticante ○ Crente Não Praticante
   ○ Não Crente ○ Outro: _____
6. **Habilitações literárias**:
   ○ 1º Ciclo (4º ano) ○ 2º Ciclo (6º ano) ○ 3º Ciclo (9º ano)
   ○ Secundário (12º ano) ○ Ensino superior
7. **Profissão/Atividade:** _____
8. **Situação profissional atual**:
   ○ Empregado – Tempo Inteiro ○ Empregado – Tempo Parcial
   ○ Estudante ○ Desempregado
   ○ Reformado/Pensionista ○ Outro: _____
9. **Rendimento do agregado líquido mensal**:
   ○ Inferior a 1000 euros ○ Entre 1000 e 1499 euros ○ Entre 1500 e 1999 euros
   ○ Entre 2000 e 2499 euros ○ Entre 2500 e 2999 euros ○ Acima de 3000 euros
10. **Zona de residência**:
    ○ Norte ○ Centro ○ Área Metropolitana de Lisboa ○ Alentejo ○ Algarve
    ○ Região Autónoma dos Açores ○ Região Autónoma da Madeira ○ Outro_____
11. **Identificação étnica/cultural**:
    ○ Caucasiana/Branca ○ Africana ○ Asiática ○ Outra: _____
12. **Filhos (biológicos, adotivos, enteados):**
    ○ Sem filhos
    ○ Com filhos ○ Idade (separe por virgulas): _____
    ○ Gravidez atual
13. **Composição do agregado familiar (Indique com quem vive):**
    _____
14. **Tempo de coabitação – Há quanto tempo vive com o seu parceiro(a):**
    _____ meses/anos (risque o que não interessa)
    ○ Em casamento ○ Em união de facto
15. **Como descreveria a sua atual relação de casal?**
    ○ Monogâmica ○ Poliamorosa ○ Aberta ○ Outra: _____

Escala de Intimidade Diferenciada

Por favor avalie as seguintes afirmações face ao quão verdadeiras elas são para si. **Considere a sua relação com o seu cônjuge/parceiro(a) durante os últimos 6 meses.** Estas respostas são confidenciais, por isso tente ser o(a) mais genuíno(a) possível.	**Totalmente Falso**	**Parcialmente Falso**	**Neutro**	**Parcialmente Verdadeiro**	**Totalmente Verdadeiro**
1. Passo tempo individual com os meus amigos.	1	2	3	4	5
2. Comunicamos um com o outro de forma clara.	1	2	3	4	5
3. É fácil, em casal, afirmarmos as nossas opiniões pessoais.	1	2	3	4	5
4. Não gosto que eu e o meu(minha) parceiro(a) sejamos diferentes.	1	2	3	4	5
5. Respeito o espaço (físico, social, emocional) do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
6. A minha identidade/personalidade é subjugada pela do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
7. Somos pessoas autónomas mas não tão independentes uma da outra que tenhamos vidas completamente separadas.	1	2	3	4	5
8. Faço algumas atividades de lazer em separado do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
9. Por vezes temos que fazer algum esforço para atingir um equilíbrio entre o tempo/espaço individual e o de casal.	1	2	3	4	5
10. Por vezes temos discussões em que concordamos em discordar.	1	2	3	4	5
11. Já não sou capaz de descobrir coisas novas sobre o(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
12. Quando estou longe do(a) meu(minha) parceiro(a) não me sinto completamente perdido(a).	1	2	3	4	5
13. A individualidade do(a) meu (minha) parceiro (a) é uma ameaça para a relação.	1	2	3	4	5
14. A nossa individualidade enriquece a nossa relação de casal.	1	2	3	4	5
15. Há partes da minha vida que mantenho separadas do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
16. Não gosto de falar de assuntos emocionais e pessoais com o(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5
17. Encorajo as atividades pessoais do meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4	5

	Totalmente Falso	Parcialmente Falso	Neutro	Parcialmente Verdadeiro	Totalmente Verdadeiro
18. Por vezes gosto de olhar para o(a) meu(minha) parceiro(a) com uma certa distância, por exemplo quando está no meio de amigos(as).	1	2	3	4	5
19. Não me sinto uma pessoa completa e inteira.	1	2	3	4	5
20. Sinto-me ligado ao(à) meu(minha) parceiro(a) mesmo quando estamos separados.	1	2	3	4	5
21. Fazemos questão de investir no nosso desenvolvimento ou crescimento pessoal.	1	2	3	4	5
22. Somos capazes de integrar a nossa liberdade individual na nossa relação.	1	2	3	4	5
23. Passamos tempo juntos.	1	2	3	4	5
24. Por vezes, quando discordamos, consigo ceder sem o sentir como uma ameaça à minha individualidade.	1	2	3	4	5
25. Aceito que o(a) meu(minha) parceiro(a) tenha tempo para si, amigos e atividades pessoais que não me incluem.	1	2	3	4	5
26. Não me sinto pressionado(a) a ser algo diferente daquilo que sou na minha relação.	1	2	3	4	5
27. Estou com o(a) meu(minha) parceiro(a) porque preciso dele(a).	1	2	3	4	5
28. Consigo colocar-me na posição do(a) meu(minha) parceiro(a) e compreender as suas necessidades.	1	2	3	4	5

MSIS (Miller & Lefcourt, 1982)
Tradução e adaptação: Ferreira, Narciso & Novo (2010)

Por favor, responda ao seguinte questionário **pensando no(a) seu(sua) companheiro(a) actual**. Assinale a sua resposta com um círculo à volta do número que corresponde à resposta que mais se adequa. Por favor, tente ser genuíno(a) nas suas respostas.

Nas afirmações de 1 a 6, assinale a sua resposta numa **escala de 1 (Muito Raramente) a 10 (Quase Sempre).**
Nas afirmações de 7 a 17, assinale a sua resposta numa **escala de 1 (Pouco/a) a 10 (Muito/a).**

		Muito Raramente			**Algumas vezes**				**Quase Sempre**		
1	Quando tem tempo livre, com que frequência escolhe passar esse tempo com ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	Com que frequência mantém em privado informação pessoal, não a partilhando com ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3	Com que frequência expressa o seu afecto por ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4	Com que frequência lhe confidencia informação muito pessoal?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5	Com que frequência é capaz de compreender os sentimentos dele/dela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6	Com que frequência se sente próximo dele/dela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
		Pouco/a			**Mais ou menos**				**Muito/a**		
7	Quanto é que gosta de passar tempo com ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8	Quando ele/ela se sente triste, quanto é que lhe apetece dar-lhe apoio e encorajamento?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9	De uma forma geral, sente-se próximo dele/dela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10	Quanto é que é importante para si escutar as revelações pessoais dele/dela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	A sua relação com ele/ela é satisfatória?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
12	Sente-se afectuoso/a em relação a ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
13	É importante para si que ele/ela compreenda os seus sentimentos?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
14	Quando discutem, os danos causados na vossa relação são importantes?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
15	Quando se sente triste, qual a importância de ele/ ela lhe expressar apoio e encorajamento?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
16	É importante para si a expressão de afecto da parte dela/dela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
17	Na sua vida, que importância tem a sua relação com ele/ela?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

HISD (Hurlbert & Apt, 1992)
Tradução e adaptação: Ferreira, Narciso & Novo (2010)

Para cada afirmação, por favor assinale um círculo à volta do número que melhor ilustra os seus pensamentos e sentimentos. **Por favor, tente ser genuíno/a nas suas respostas. As suas respostas são confidenciais.**		Sempre	A maioria das vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
1	Fico excitado/a só de pensar no/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
2	Tento evitar situações que poderiam encorajar o/a meu/minha companheiro/a a querer ter relações sexuais.	0	1	2	3	4
3	Sonho acordado/a com sexo.	0	1	2	3	4
4	É difícil para mim ficar com disposição para ter relações sexuais.	0	1	2	3	4
5	Tenho mais desejo sexual do que o meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
6	É difícil para mim fantasiar sobre temas sexuais.	0	1	2	3	4
7	Antecipo com prazer os momentos sexuais com o meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
8	Tenho um enorme apetite sexual.	0	1	2	3	4
9	Gosto de ter fantasias sexuais durante os momentos sexuais com o meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
10	É fácil para mim entrar num “estado de espírito” sexual.	0	1	2	3	4
11	O meu desejo sexual deveria ser mais forte.	0	1	2	3	4
12	Gosto de pensar sobre sexo.	0	1	2	3	4
13	Desejo sexo.	0	1	2	3	4
14	É fácil para mim passar semanas sem ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
15	A minha motivação para ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a é baixa.	0	1	2	3	4
16	Sinto que quero menos sexo do que a maioria das pessoas.	0	1	2	3	4
17	É fácil para mim criar fantasias sexuais na minha imaginação.	0	1	2	3	4
18	Tenho um forte instinto sexual.	0	1	2	3	4
19	Gosto de pensar sobre ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
20	O meu desejo de ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a é forte.	0	1	2	3	4
21	Sinto que o sexo não é um aspecto importante na minha relação com o/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
22	Penso que o meu nível de energia para ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a é demasiado baixo.	0	1	2	3	4
23	É complicado para mim ficar com disposição para ter relações sexuais.	0	1	2	3	4
24	Não tenho desejo suficiente para procurar ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4
25	Tento evitar ter relações sexuais com o/a meu/minha companheiro/a.	0	1	2	3	4

DSI (Skowron & Friedlander, 1998)
Tradução e adaptação: Relvas et al.(2013)

Estas afirmações são relativas aos seus pensamentos e sentimentos sobre si e sobre a sua relação com outras pessoas. Leia cuidadosamente cada afirmação e **decida se a afirmação é globalmente verdadeira em relação a si**, numa escala de **1 (Nada verdadeira)** a **6 (Muito verdadeira).** Se alguma afirmação não for aplicável à sua situação (e.g. se os seus pais já faleceram), responda à pergunta de acordo com o que imagina que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação. Por favor, tente ser genuíno/a nas suas respostas.		**Nada Verdadeira**					**Muito Verdadeira**
1	Têm-me dito que sou demasiado emotivo/a.	1	2	3	4	5	6
2	Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas de quem gosto.	1	2	3	4	5	6
3	Sinto-me frequentemente inibido/a ao pé da minha família.	1	2	3	4	5	6
4	Tenho tendência a manter-me bastante calmo/a mesmo sob stress.	1	2	3	4	5	6
5	Habitualmente, preciso que os outros me encorajem muito no início de um trabalho ou tarefa importante.	1	2	3	4	5	6
6	Quando alguém que me é próximo me desilude, afasto-me dele ou dela durante uns tempos.	1	2	3	4	5	6
7	Aconteça o que acontecer na minha vida, sei que nunca perderei o sentido de quem sou.	1	2	3	4	5	6
8	Tenho tendência a afastar-me quando as pessoas ficam demasiado próximas de mim.	1	2	3	4	5	6
9	Quero corresponder às expectativas dos meus pais.	1	2	3	4	5	6
10	Gostaria de não ser tão emotivo/a.	1	2	3	4	5	6
11	Normalmente não mudo o meu comportamento só para agradar a outra pessoa.	1	2	3	4	5	6
12	O/A meu/minha companheiro/a não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre alguns assuntos.	1	2	3	4	5	6
13	Quando o/a meu/minha companheiro/a me critica, isso incomoda-me por vários dias.	1	2	3	4	5	6
14	Por vezes, os meus sentimentos apoderam-se de mim e tenho problemas em pensar com clareza.	1	2	3	4	5	6
15	Quando estou a ter uma discussão com alguém, consigo separar o que penso sobre o assunto dos meus sentimentos pela pessoa.	1	2	3	4	5	6
16	Fico muitas vezes incomodado quando as pessoas se aproximam demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
17	Tenho necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida.	1	2	3	4	5	6
18	Por vezes, sinto como se estivesse numa montanha russa emocional.	1	2	3	4	5	6
19	Não vale a pena ficar perturbada/o com coisas que eu não posso mudar.	1	2	3	4	5	6
20	Nas relações íntimas, tenho receio de perder a minha independência.	1	2	3	4	5	6

		Nada Verdadeira					Muito Verdadeira
21	Sou demasiado sensível à crítica.	1	2	3	4	5	6
22	Tento corresponder às expectativas dos meus pais.	1	2	3	4	5	6
23	Aceito-me relativamente bem como sou.	1	2	3	4	5	6
24	Sinto frequentemente que o/a meu/minha companheiro/a espera demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
25	Frequentemente, concordo com o que os outros dizem só para os satisfazer ou apaziguar.	1	2	3	4	5	6
26	Se tiver uma discussão com o/a meu/minha companheiro/a, tenho tendência a pensar sobre isso o dia todo.	1	2	3	4	5	6
27	Sou capaz de dizer não aos outros mesmo quando me sinto pressionado por eles.	1	2	3	4	5	6
28	Quando uma das minhas relações fica demasiado intensa, sinto o impulso de fugir dela.	1	2	3	4	5	6
29	As discussões com os meus pais ou irmãos ainda me fazem sentir terrivelmente.	1	2	3	4	5	6
30	Se alguém está transtornado comigo, não é fácil desligar-me.	1	2	3	4	5	6
31	Preocupo-me mais em fazer aquilo que considero correcto do que com a aprovação dos outros.	1	2	3	4	5	6
32	Nunca consideraria procurar algum membro da minha família para apoio emocional.	1	2	3	4	5	6
33	Sinto-me frequentemente inseguro/a quando outras pessoas não estão presentes para me ajudarem a tomar uma decisão.	1	2	3	4	5	6
34	Facilmente me sinto magoado/a pelos outros.	1	2	3	4	5	6
35	A minha auto-estima depende muito do que os outros pensam de mim.	1	2	3	4	5	6
36	Quando estou com o/a meu/minha companheiro/a, sinto-me frequentemente sufocado/a.	1	2	3	4	5	6
37	Quando estou a tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros vão pensar.	1	2	3	4	5	6
38	Interrogo-me frequentemente sobre o tipo de impressão que causo nos outros.	1	2	3	4	5	6
39	Quando algo corre mal, falar sobre isso normalmente piora.	1	2	3	4	5	6
40	Sinto as coisas mais intensamente que as outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
41	Habitualmente faço o que acredito ser correcto, independentemente do que os outros dizem.	1	2	3	4	5	6
42	A nossa relação poderia ser melhor se o/a meu/minha companheiro/a me desse o espaço de que necessito.	1	2	3	4	5	6
43	Tenho tendência a sentir-me bastante estável sob stress.	1	2	3	4	5	6
44	Às vezes sinto-me doente após uma discussão com o/a meu/minha companheiro/a.	1	2	3	4	5	6
45	É importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões.	1	2	3	4	5	6
46	Preocupo-me com a possibilidade de as pessoas que me são próximas ficarem doentes, magoadas ou perturbadas.	1	2	3	4	5	6

Índice de Satisfação Relacional (Lawrence & Byers, 1995)

Versão portuguesa por Pascoal, Oliveira, & Raposo (2015)

Em geral, como descreveria a sua satisfação global com o/a seu/sua companheiro(a)?

Para cada par de palavras abaixo, circule o número que melhor descreve a vossa relação como um todo.

Muito má	1	2	3	4	5	6	7	Muito boa
Muito desagradável	1	2	3	4	5	6	7	Muito agradável
Muito negativa	1	2	3	4	5	6	7	Muito positiva
Muito insatisfatória	1	2	3	4	5	6	7	Muito satisfatória
Muito irrelevante	1	2	3	4	5	6	7	Muito importante